Tentativa de Livro

MANUSCRITO: LIVROS
TÍTULO: A NOVELA "INACABADA DE AMSTERDAM."
TOTAL DE PÁGINAS: 100
DATA: 01/01/1982

A novela macabada
de Amsterdam
maio 1982
Bruno Hotel

O heroinomano começa ~~normalmente~~ geralmente aplicando a droga na veia que passa pelo centro da juncão do braço com o antebraço. No caso de aplicacões diárias, esta veia está totalmente inutilizada no final de oito meses, quando os tecidos tornaram-se tão rígidos que é impossivel injetar alguma coisa través daquele local. Se o heroinomano insiste - todos tem suas veias preferidas - um doloroso hematoma forma-se imediatamente.

A rpóxima veia a ser utilizada, portanto, é a veia que corre lateralmrnte à veia principal, e esta também tem uma vida util de oito meses. ~~A partir daí entretanto, o heroinomano já está tä' envolvido em seu vicio que já não tem mais cuidado com o próprio corpo.~~ Passa a utilizar as veias do dorso da mão, e frequentemente perde o movimento dos dedos porque a agulha atingiu algum tendão importante. Quando as veias da mão ficam"cansadas" - termo que o viciado usa para indica r as calosidades - ele parte para as veias do pé - correndo o mesmo risco de imobilizacão.

Não há qualquer dor. ~~E todos olhos hipnotizados para a ponta da agulha que rasga os tecidos e procura a veia...~~ É impossível sentir qualquer dor ao ser cortado um pedaço de metal tão pequeno rasgar os tecidos.

Existem tres grandes sensacões na vida de uma pessoa - fazer amor pela primeira vez, salvar alguém da morte certa, e pescar o primeiro peixe. Existe uma quarta sensacao, reservada a pouquissimas pessoas: enterrar uma agulha na carne. Não importa o que a seringa contem, o prazer consiste no ato de rasgar os próprios tecidos com aco inoxidavel.

O "vício da agulha" consiste no prazer que o toxicômano sente ao ver o metal atravessar sua propria carne em busca da veia. Drogas como a cocaina a heroina o ppio , as anfetaminas, que podem ser absorvidas pelo organismo através da inalacão ou por via oral, termnam sempre sendo diluidas em agua destilada e injetadas no sangue, se forem parar nas mãos de quem tem o "vício da agulha".

Durante a Segunda Guerra Mundial , prisioneiros de campos de concentracão japoneses demonstraram muito mais medo da seringa do médico do que das torturas as quais foram submetidos. O"pavor da injecão", encontrado em quase todas as pessoas, fez com que muitos laboratorios químicos gastassem milhês em pesquisas e utilizassem algumas substancias perigosas, para conseguir obter drogas que fossem tão potentes por via oral que por via injetada - já que muitos pacientes se recusavam a comprar produtos que só pudessem ser administrados atraves de uma seringa. Um estudo do M T provou que um significante numero de pessoas atacadas de hidrofobia prefere morrer a ter que tomar as dolorosas vacinas anti-rabicas na barriga. Quase 70% das pessoas que vão ao dentista preferem sofrer as agruras de uma obturacão na dentina do que levar uma rápida pica da de anestesia.

No caso do "vicio da agulha", porém, o prazer näp consiste apenas no uso da droga, mas da forma como é aplicada. É comum ver o heroinomano ~~relaxar~~ sentir-se melhor pelo simples fato de ~~colocar uma agulha na veia~~ usar a seringa ou picar-se - mesmo antes de qualquer droga ser injetada. Muitos ~~deles picam-se~~ vezes um viciado pica-se dez, quinze vezes, na administracão de uma só dose. ~~- pelo simples prazer de ver e sentir, e~~ só pelo ~~gostar da~~ repete a sensacão ~~do metal entrando~~ inicial do "shot" no corpo. O medo é que provoca a dor, e quando ~~que vence~~ o medo descobre o efeito emocional que está sendo despejado na sua veia. A partir daí, a picada da agulha se transforma no aperto- indispensavel- de uma boa refeicão.

Tinham se passa do um mes e dois dias quando a prefeitura de Amsterdam decidiu finalmente voltar atrás. Neste periodo aconteceram 482 assaltos direta mente ligados à tentavia de se conseguir dinheiro para a droga - um numero 385 % acima das acorrencias normais da cidade. Dezoito viciados haviam morrido e 35 estavam condenados a passar o resto de suas vidas no hospital por causa dos efeitos colaterais da "base". Quando tudo isto aconteceu, Chris tinha 24 anos, estava namorando para casar, tinha acabado de entrar na faculdade de arquitetura e jamais tinha pensado que um dia, seis anos depois, estaria num dos luga res mais perigosos de Amsterdäm, procurando droga para seu homem.

O instinto feminino fez com que suspeitasse de tudo a partir daquele momento.

"Quem voce está procurando" perguntou o holandes. Ele não tinha o menor a specto de junkie, mas nenhum dos grandes traficantes utiliza a droga, nem sequer para provar seu teor de heroina - tarefa que sempre fica a cargo de um set de produtos químicos. Mas o simples fato do homem ser barnco e ter primeiro se enderecado a ela em holandes, já era o suficiente para dizer que alguma coisa estava errado. Policia.

Quem sabe, fosse paranoia? Sua mente funcionou rápido, buscando uma formlula de saber se o territorio estava seguro, sem se expor demasiadamente.

"Somzaraquitetazxquerizdzrzuuzzolhadaxnozecifícaiox"

Cena - pecasada escreve 1 livro
+ estava fazendo amor.
Cena do crime - falso
saída - discussão de funcionários
volta - polícia esperando.] quando volta com.

início do passe - discussão dos funcionários da funcionária.
Jantar - Bruna Café.

cena da defesa de esquerda

Joy se transformando em Raja Kapa
fala - Teorias de Deus, que ele era amigo, contrário
ao Ham Burger.
O plot que se desenvolve no clube político: Nightwatch como a que é mais importante: a
vida de alguem ou

Flashback: chegou saiu de casado por dois dias
quando não falavam

- enriquecer cena do pai
- no pensamento dele já é Chico (+ adiante) pensa-
rão de ser acusado de um crime.

Cena Nightwatch - um artista comercial.
~~Anfitrião~~. A Holanda é um país estranho: quando
você está longe muita coisa falar, mas quando
chega aqui parece o centro do mundo

JOEY VIRANDO RAIA YOGA

O PLANO DO CLUBE POLITICO

CAFE DOS PORTUGUESES

BAR MY FRIEND

O ARGENTINO ROUBANDO O CRIME ELE ACEITA DEPOIS DE JOEY VIRAR RAIA YOGA

CHRIS APLICANDO ORDEM

CHRIS NO MEIO DOS SQUINTERS

CHRIS VENDO NA MÃO DA PROPRIA GERAÇÃO

A BRIGA DOS SQUATTERS PELO PREDIO

ELE É EXPULSO DA HOLANDA.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PLANTAS NA ESTUFA.

FESTA NO KOMOI: DANCING MISSIMATIE A CONQUISTA DE JOEY

PLANOS PARA O TRAFICO DE HEROINA

ENCONTRO CHRIS NO HEROIN DEN

OLAF: O FIM DE UMA GERAÇÃO

CHRIS NÃO QUER VOLTAR PARA ELE.

SOBRINHO QUER MUDAR HOTEL

B. REALIZA QUANTO VALE O HOTEL

COMO FICAM HOLANDESES VELHOS E TRAVESTIDOS

MISSI HOLANDESA.

OBSESSÃO MIQUEL

REMBRANT: O ARTISTA COMERCIAL E PLAGIADOR

CHRIS VAI PEDIR DINHEIRO AO BROWER

O MUNDO EM 492.

OS FUGITIVOS DO PASSADO E OS FUGITIVOS DO PRESENTE ANIB. "ECONOMICA"

A HOLANDA TEM AGORA OS ARTISTAS Q NÃO TIVE NO PASSADO

MEDO DE SER ACUSADO DE MATAR CHRIS.

AS BICICLETAS

OS HIPPIES DO DAM VÃO SALVAR OS KRAKERS

os chineses decidiram o pescado porque davam credito à palavra. A polícia acusou-os porque mentiram

Dez dias depois apareceram as primeiras mortes. No desespero de colocar alguma coisa no mercado para nào perder o monopòlio da droga, os surinameses ~~que tinham conquistado o trafico das maos dos chineses a custa de muitos assassinatos~~ comecaram a vender um destilado de _____ e _____, conhecido por "base" na giria dos viciados. A "base" provocava o mesmo efeito que a heroina, com a diferenca que, sete ou oito aplicacoes depois o viciado podia sofrer paralisia total ou morte, em virtude do acumulo de imensas quantidades de mercurio nos tecidos.

Do aparecimento da "base"

Quinze dias depois, com o nùmero de mortes e internamentos por paralizia subindo na mesma proporcao que os crimes, os turcos e os chineses - que até entao detinham uma parte insignificante do trafico de heroina - resolveram entrar em negociacoes secretas com a policia de Amsterdam. Prometeram reduzir paulatinamente o preco da droga, até que esta atingisse 185 guilders por grama, apenas dez por cento mais caro que a cotacao da droga antes do dia 27 de maio. Ao mesmo tempo, colocariam no mercado um produto mais fraco, sem nenhum dos efeitos colaterais da "base", e restringiriam o tràfico a duas determinadas areas da cidade; notadamente a esquina de SPUI com *LIJNBAANS e a ZEEDIJK, na zona do baixo meretricio uma rua da zona de porstituicao pouco frequentada pelos turistas.

ZEEDIJK

*LIJNBAANSSTEEG

A continuacao esta

que antes do dia 27 de maio de 1976 custavam duas vezes mais que em Amsterdam, agora tinha se tornado a única alternativa racional em face do grande aumento de preço provocado pela repressão na Holanda.

A Prefeitura de KØPENHAVN, prevendo uma invasão de junkies vindos da Holanda, realizou seu primeiro raid em Christiania, à procura de traficantes de heroína. Ninguém foi preso, mas o Chefe de Polícia entrou em acordo com os responsáveis pela ocupação do antigo quartel, e deixou bem claro que um afluxo de junkies, por menor que fosse, significaria o fim da "experiência social" de Christiania. Em vista disso, o tráfico de heroína no local foi suspenso por duas semanas.

Três dias depois, quatro junkies que tinham vindo de Amsterdam foram internados num hospital de Copenhagen, com os dolorosos sintomas da falta de droga - e eventualmente mortais - sintomas que a falta de droga acarreta no organismo. Os médicos forneceram metadona suficiente para que eles pudessem voltar à Amsterdam, e nem um comprimido a mais.

Os junkies voltaram a Amsterdam e contaram a seus companheiros o que estava acontecendo em Copenhagen. A partir daquele dia, ninguém mais saiu de Amsterdam, e a onda de assaltos começou a atingir proporções alarmantes.

A prefeitura de Amsterdam, porèm, estava firmemente decidida a não voltar atrás. A polícia continuou efetuando prisões, e a rede de distribuição - até aquela data nas mãos dos surinameses- foi literalmente arrazada.

Em 1976, quando a Prefeitura de Amsterdam resolveu intnesificar a repressao ao tráfico de heroína, a cidade abrigava viciados vindos de toda parte da Europa - notadamente Alemanha e Franca. A decisào, tomada em conjunto pelo Conselho que governa a cidade desde ____, nao teve o apio do chefe de policia. Mesmo assim, varios traficantes oram presos na tarde do dia 27 de maio, e os telejornais daquela noite elogiaram a presteza da acáo. Na opiniao dos polìticos, a onda de assaltos que passara a assolar amsterdam - e que eram oerpetrados, na sua quase totalidade, por junkies desesperados que precisavam do dinheiro para comprar a droga - tinha finalmente chegado ao final.

No dia seguinte, o preco da pouca droga que ainda podia ser conseguida tinha subido em 400%. Os assaltos aumentaram na mesma proporcào - mas o Conselho da Cidade jà esperava por isto. E sabia que , se mantivessem a decisào e a repressao por mais uma semana, os crimes terminariam diminuindo de intensidade, já que os viciados iam acabar se mudando para outro lugar onde a droga fosse mais facil e mais barata.

Em toda a Europa, sò existia mais um lugar onde a droga podia ser comprada com um mìnimo de dificuldade: Christiania, um quartel abandonado na cidade de Copenhagen, que tinha sido ocupado desde 1971 pelos hippies. Os junkies de Amsterdam resolveram se mudar com seringas e canecos para Christiania, onde a heroina - mesmo sendo duas vezes mais cara que na Holanda,

Primeiro entreou uma mulher do Golden Temple ,vestida de dourado da cabeca aos pés, com um enorme triangulo bordado na parte da frente da roupa. Em seguida entrou um congressita, com crachá e tudo. Para ambos Gerald disse que não tinha quartos. Jordana estava lendo, tentando aprender algumas palavras de holandes enquanto passava os olhos pel Dee Telegraaf, e riu para Brouwer, na cumplicidade da mentira

Jordana tinha vindo de Israel há alguns meses atrás, tinha vinte e sete anos, era bonita,e tinha batido na sua porta há sete meses atrás, em busca de um emprego. Por coincidencia,nesta mesma época sua irmã tinha entrado de férias por 15 dias, e Brouwer imediatamente a contratou para fazer parte da limpeza do terreo e arrumar os quartos toda a manhã, em troca de hospedagem e café de graca. No final dos quinze dias, Jordana tinha arranjado um emprego em um animation - o tipo de bar onde as mulheres recebem porcentagem das despezas que os freguezes fazem - e estava ganhando o suficiente para permanecer no Brouwer até o dia de hoje. Toda noite, ela saia na sua bicicleta - pintada de dourado - e invariavelmente vestida de preto. Brouwer jamais ficara acordado tempo suficiente para saber há que hora Jordana voltava para casa, mas tinha um interesse todo especial em servir seu café da manhã, tomado todas as tardes às tres horas, com uma pontualidade britanica.

Gerald sabia da profissão de Jordana porque a ouvira conversar com um hospede, mas pelo tom com que falava ela parecia não fazer segredo do que fazia para ninguém. Ele xempre estivera a beira de perguntar mais detalhes, procurar saber quanto ganhava por noite, mas não tinha coragem. Também pensara em pedir para jordana que não comentasse mais com nenhum hospede a respeito do seu trabalho - podia depor contra o hotel, e mesmo o que brouwer não gostasse de seu trabalho, não queria tornar as coisas piores.- mas nunca mais ouvira Jornadana comentar nada a respeito, e se não fosse pelo horario do breakfast, diria que tinha mudado de emprego

Jornada reparo que as palavras cruzadas estavam incompletas no jornal. Pobre velho gerald, fazendo a mesma coisa há mais de quarenta anos e mesmo assi ainda incapaz de faze-las bem. Ele não era como Wim, o filho de sua irmã, campeao holandes de xadres e com quem Jordana mantinha um caso secreto há tres meses . Jxxxxxx Wim tinha um problema na coluna e mancava de um lado, tinha uma tara estranha - gostava que jordana lhe contasse como se comportava com outros homens toda vez que os dois estavamx fazendo amor - e jamais tinha lhe dito o que sentia por ela. Mas er um homem que ela admirava como poucos em sua vida: porque era frio, porque era feio, porque era tarado, e no entanto se comportava como se fosse a pessoa mais atraente da face da terra.

Jordana gostava de gente assim, que tinha nascido para vencer e não dava importancia a nenhum dessx handicaps que a vida eventualmente lhe colocava no caminho. Ao invés de seguir o negocio do hotel, como a familia vinha seguindo através de geracoes, ele arranjara um emprego na bolsa de valores de amsterdam - para desespero de sua mãe, que hoje em dia, porém já estava acostumada com a rebeldia irreconciliavel do filho.

Eles tinham se encontrado no Pica dilly na noite anterior, e Wim lhe dissera que ia passar no hotel.xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx Ele jamais lhe dissera isto antes, e Jordana agora estava morrendo de vontade de saber o que ele queria com ela. Já não conseguia mais se concentrar no jornal, não conseguia mais se concentrar nas palavras que sempre sublinhava para depois olhar no dicionario de Brouwer.xxx Estava torcendo intiamente para que ele não lhe viesse com uma declaracão de amor - que terminaria es tragando toda aquela admiracão que sentia. Ela nqo queria amar alguem . Não seria dificl conseguir um bom e rico marido, uma pessoa perfeita porx quem se apaixonasse perdidadente. xxxxxxxxxxxxxxxxxxx Tinha deixado uma das maiores fortunas de Israel esperando coma alianca nã mão em plena igreja. Ela gostava de liberdade, de poder xx r para cama com quem quisesse, e depois, depois que passasse dos trinta, xxxxxxxx com toda certeza ia ser esperta o suficiente para ter sua vida prodigamente assegurada.

Mas não agora. Talvez fosse melhor se levantar e voltar para o quarto, tirar de Wim a chance de humilhar-se perante ela. Ela levantou-se e ia subindo quando sua atencão foi despertada para trex meninas que na ponte em frente ao hotel,xx cuspiam e gritavam para os barcos de turistas que passavam embaixo. Ficou odhando xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx a rebeldia alegre das tres holandesas, até que sentiu a porta ao seu lado se abrir. Ah, que bom que não fosse Wim.

Ao contrario da parte surinamesa, Chris viu-se de repente numa rua deserta, olhando o armazem de portas verdes ~~xxx~~ onde estivera com Raul há uma semana atrás. A construcão solida se estendia por quase todo o quarteirã , parte do qual era casa dos antigos donos - atéx recentemente, os mercadores holandeses moravam perto de seus negocios. Os tres andares ~~xxxxpartexxxxaisxxdxxdoxxxxxaxxxuxxxxxxfixxixadxxxdexxixoxdxxguindastes dexxtelhadoxxjáxxtinhaxxguardadosxxasxpespeciariasxquexaxCiaxdasxIndiasx Ocidentaisxtinhaxidoxbuscarxnaxseuxpaísxx Cadaxumxdo~~ Os tres andares tinha uma porta dando para a rua, e o guindaste do telhado já tinha suspendido até cada uma destas portas (hoje fechadas e emperradas com o tempo) as especiarias que a Cia. Das Indias Ocidentais tinha ido buscar em seu país. ~~Atravésxda~~ Por ali tinham passado florestas inteiras de madeira rara, recibos de civilizacões capturadas como escravos, o precioso ouro que podia ter tirado seu povo da miseria que hoje se encontrava.~~xxxxxquexhojexxxxexxxtrax~~ Uma pedra em baixo relevo ~~xxxtraxxxxdataxdexconstrucãoxdaxcasaxx1736x xdexnomexdexuxxxriexxxxxxxx~~ - signo usado pelos Amsterdammers para dizer aos passantes o tipo de negocio que era conduzido pelo proprietario do armazem. - mostrava uma caravela no mar revolto, com a data da construcão e o nome do proprietario gravada em uma das velas: 1736. - Philips Davidsz. Com toda a certeza aqueles

Ele ~~tinha ajuda o desgaste nas portas e ouvir quer que~~

tijolos ainda iam resistir por muitos século~~sxxporquextinhamxsidoxx uxidosxcomxosangue~~ e no ano 2100 as pessoas que habitassem a terra ainda poderiam ver a glória de Davidsz, ~~xxquxntox~~ e passariam a dar cada vez mais importancia ao dinheiro, que destroi e constroi o mundo.

Chris colocou os 25 guilders no bolso, porque ela também agora gosta a de di heiro - porque sbia como ganha-lo, e como emprega-lo bem. Tocou a campainha, mas não e cutou o barulho - ele devia estar ecoando por aqueles salões vazios, em busca do ouvido certo que se oc ltava em algum lugar daquele imenso prédio. Agora ela tinha que andar até o meio da rua e esperar um pouco, enquanto era analisada, estudad , despida por olhos invisíveis que ~~xxxprojetxx~~ imediatamente tinham se abert o quando ela apertara o botão da campainha. Mas ela ainda tinha tempo. E sabia exatamente o que estava procurando na ex-casa de Philips Davidsz, um senhor que ela jamais tinha ouvido falar~~xxexquextrexxri~~ e que no entanto podia saber de toda a sua vida pelo monumento que deixara.

E Chris ficou contente de saber que Davidz estava rindo em sua tumba, feliz pelo fato de seu armazem ainda ser um dos locais mais importantes de Amsterdam, onde as especiarias do mundode hoje ~~xraxxxxgxxixdxxzxxxxtoxxxxxEuropaz~~ ainda eram vendidas - como na sua época - parax todo o continente europeu.

De onde Chico estava, ela podia ver, há algumas de metros de distância, o lugar aonde queria ir. Se conseguisse chegar até lá estaria salva, porque aquela parte da Zeedijk era considerada "território chinês", e os seus moradores não se arriscavam a andar lá. ou o dia nascia amanhã boiando no Amstel, com o pescoço aberto de lado a lado. Mas o homem que estava na sua frente estava bêbado, e não ia levar em consideração o fato de que ↑.

Em compensação, também não poderia correr na mesma velocidade que ela.

Todos estes pensamentos cruzaram a cabeça de Chico em apenas um milésimo de segundo, porque no instante seguinte ela sacudiu-se toda e deu o maior berro que jamais dera em sua vida:

"Ah — — — — — — — — — — — — — —

— — — — — — — !"

~~[illegible]~~ e a rua ~~[illegible]~~ inteira parou no tempo e no espaço, os risos de deboche congelaram nas faces, a bola de futebol ficou suspensa no ar, os negócios de droga foram interrompidos, as gaivotas levantaram voo dos telhados, uma criança começou a chorar e chamar pela mãe, e um jornalista que estava a algumas ruas de distância ainda instintivamente preparou sua câmera, prevendo ação. Antes que qualquer pessoa se desse conta, ~~porém, ela~~ ~~[illegible]~~ do que estava acontecendo, porém, ela já tinha corrido e estava sã e salva em território chinês, enquanto o homem bêbado, subitamente surdo, se perguntava o que estava fazendo ali no meio da rua.

Mas ela nos apressou nem diminui o passo e o mesmo desistiu. O grupo que jogava futebol parou para vê-la passar e de repente um dos suinanenses, um negro alto, com a cabeça raspada, colocou-se na frente dela, mostrando ficou em pé na frente dela, mostrando para que compusesse roda. Ela tentou passar, mas o negro continuou bloqueando o caminho, enquanto os outros riam.

Ele estava bêbado. Não estava drogado - porque jamais se comportaria com tanta agressividade - e não estava lúcido, porque parecia ignorar o perigo de qualquer incidente naquela vizinhança. A polícia nativa da droga em pessoa certamente ~~estaria, em flagrante, em flagrante~~ procuraria. Mas os outros nada fizeram nada para impedir. ~~Todos estavam rindo~~ Apenas se afastaram para uma distância prudente, para que mais tarde não pudessem ser acusados de nada. Exceto de omissão, e omissão não era crime.

"Então, holandesinha, você não confia em um negro?"

Ela precisava agir rápido. Estava ali para um propósito definido, era uma mulher de sorte, e tinha sobrevivido a momentos muito piores - como naquele dia na C.S. em que não tinha um centavo nem um lugar para ir. ~~Estava~~ uma só coisa: demonstrar coragem. Naquele minuto ela podia fazer qualquer coisa, após de qualquer maneira. Só lhe era vedada uma alternativa: o medo.

~~Reunindo todas as suas forças e também ignorando as consequências, ela cuspiu na~~

Olhos olhos em frente, mas a cara dos outros nunca não permitia que ela visse o final da rua. Por todos os cantos os suriname ses se espalhavam em pequenas rodas, e um grupo jogava futebol pelo lugar onde ela teria que passar. Os holandeses chamavam o Zeedijk de "o lugar mais escuro de Amsterdam" por causa dos negros que iam para ali durante o dia, vindos dos diversos subúrbios da cidade onde ~~encontravam~~ ~~quartos~~ mais baratos, ~~baratos~~, dividiam os quartos mais baratos com cinco ou seis pessoas. Foi ali, na Zeedijk, eles faziam os negócios que em apenas um ano faziam com que eles saíssem de Amsterdam não pela Central Station, em sonho e esperanças, mas pelo luxuoso aeroporto de Schipool, com malhas de dólares nos bolsos que tinham chegado cheios de heroína. Era difícil ver um negro trabalhar em um dos restaurantes de Amsterdam - essa função era reservada para os trabalhadores ilegais, que não tinham concessão suficiente para trabalhar, mas ~~trabalhar~~ ~~ajudar~~ ~~entre os~~ ~~dedos~~ ~~os papelotes~~ da droga. cujos dedos tremiam muito para separar o papelotes de droga. Ali era feito o primeiro corte (a adição, ou seja, a contrabalho de heroína pura - ficada, antes que

Ela começou a andar pela rua, os ouvidos atentos aos gritos dos grupos. Não tinha medo. Sempre é muito mais perigoso caminhar por uma rua onde não se espera vagia, onde não se espera qualquer problema. Ali eles podiam mexer, mas ninguém tentaria mais nada além disso

Um garoto de aproximadamente 15 anos, com os cabelos pixaim escondidos debaixo de um grande chapeu, começou a andar ao lado dela
"Vamos tomar uma cerveja?"

seu espírito pessoal. Todas as noites a cidade abria suas comportas e fazia no mar, durante 7 horas, os detritos acumulados que as águas dos canais acumularam durante o dia. Da mesma maneira, todas as noites pela Central Station [I am confusing Lá e Paris] turcos, persas, escravos, vagabundos, prostitutas, egípcios, pessoas que [illegible] saíam suas águas como as águas dos canais, em um [illegible] de esperança gerado na alma. [sem um centavo no bolso, porque copiavam mais que uma faxina no coffee-shop.] Durante o dia, porém, assim como o mar dava suas águas poluídas para a cidade, também a cidade [illegible] recebia [illegible] as novas [illegible] pessoas chegando, cheias de malas, de sonhos, de dinheiro. Pois droga fácil, por clima receptivo para escravos um dia, ou simplesmente por uma fraude aventura amorosa.

~~O Lourdes chegou onde ela precisava saltar.~~

Quando o Lourdes chegou na ——, hesitou durante algum tempo antes de apertar o botão para a porta se abrir. Queria confirmar sua sorte, queria ter certeza de que nenhum fiscal viria lhe abordar, ~~para que ela estivesse~~ mesmo que ela estivesse permanecendo no Lourdes além do necessário. Nenhum dos passageiros se moveu e ela saiu feliz, confiante em si mesma.

Ainda faltava meia hora para Raul se encontrar, e ela tinha o dinheiro suficiente para a primeira dose do "cavalo". Caminhou o —— [no centro] em busca [illegible] onde os fuzileiros não [em 1500] ~~estavam~~ ~~tinham~~ um senão da fronteira para a cidade, ainda guardava os ecos de violência do passado remoto. ~~Chineses~~ ~~negros~~ ~~contrabandistas~~ ~~pelas suas~~ ~~drogas~~ ~~de vários~~, chineses, negros, [prostitutas] ~~prostitutas~~ ~~podiam~~ ~~ser~~ vistos pelas ruas da cidade, ~~discutindo~~ em toda rua, nas esquinas com vidas, ~~discutindo em toda~~ cuja o próximo assalto ou o próximo crime.

por um, confiando em sua intuição para saber se algum deles era fiscal da companhia. Mas nenhum alarme ressoou em sua cabeça, e ela foi sentar-se tranquila numa das janelas.

Nem Salomão em toda a sua glória. Ela nunca podia ter imaginado que as palavras de Cristo eram todas certas assim. É claro que não ia sair pelas ruas contando com dinheiro chovendo do céu, nem ia ficar esmolando nas esquinas como os velhos e os ~~aa~~ velhos hippies fazem. Mas desde que ~~trabalhasse~~ soubesse trabalhar, ela sempre terminava encontrando o que fazer. Nestes quinze dias, sem falar uma palavra de holandês, foi tinha sido Suzanne, arrumadeira, colocadora de papel de parede, distribuidora de folhetos de propaganda de um restaurante, e faxineira de ossos na ~~Bata~~ Talverstraat. Com a queda do ossos, podia voltar para qualquer um de seus empregos anteriores quando quisesse. Havia sempre um lugar para ela. Havia sempre um lugar para qualquer um dos ~~dezenas~~ centenas de milhares de mais-de-doia gente que infestava cada rua de Amsterdam. "Gesteinbeitz" como eles diziam aí na Alemanha, mas que aqui não tinham nome - tinham apenas um lugar para fazerem o trabalho sujo que o holandês se recusava a fazer. E afinal de contas, alguém precisava fazer a cidade para a festa, enquanto os holandeses recebiam a pensão ~~dinheiro~~ do desemprego do governo.

Era por isso que ela amava Amsterdam, porque sabia que a cidade estava vivendo faças

se obrigada a dizer "não" para ele e perder um importante contacto. Afinal de contas, ninguem sabe o dia de amanhã.

Penou em fim ao Correio Central para comprar o selo que a Lucia até pelo da Feodfick Estava sem a cartelita de passagens, mas contava com a sua extraordinária sorte para evitar que qualquer fiscal aparecesse dentro do veiculo pedindo os tickets devidamente carimbados na máquina automática. Desde que saíra de casa dele jamais tinha pago uma passagem. Se o fiscal, por uma destas infelicidades, aparecesse hoje, ~~e lhe apresentasse uma multa, teria que pagar quase o dobro do que teria pago em transporte~~ ~~pagar como multa~~. o dinheiro que ela tinha economizado em transporte durante estas duas semanas era quase o dobro do que teria que pagar como multa. Além disso, ela estava com 25 soldos no bolso, preço exato de uma dose de heroina que ela precisava para Raul, mas também a quantia necessária para pagar a multa e evitar ser levada pelo fiscal até a policia de estrangeiros. Se esta ultima opção acontecesse, ela ainda tinha meia-hora para arranjar dinheiro para Raul. E assim como o velho do ópio aparecera, outras oportunidades ~~apare~~ haveriam de surgir. Os dois do campo vão tecer com fam, e no entanto vem Sabonas...

Os freios do elétrico guincharam nos trilhos, e Chico entrou. Olhou para os passageiros, um

arriscar a pele para que pessoas como Miguel terminassem submergindo qualquer idealismo, talvez fosse melhor que ficar eternamente tentando ressuscitar o passado - fosse escrevendo um livro ou procurando Chris.

"Só espero que isto aqui não seja uma nova Ilhas Falk-Land" ele falou alto, e todos riram.

De medo.

~~A manhã tinha sido produtiva, mas agora ela precisava passar logo na [illegible] e voltar para [illegible] Raul estaria acordando há qualquer momento.~~
Nunca tinha pensado que um orgão daqueles pudesse render tanto dinheiro, já que sempre que passava em frente a um deles com Ela jamais tinha colocado uma moeda sequer. Mas em apenas duas horas o velhinho ~~[illegible]~~ e ela tinham conseguido arrecadar quase 60 guilders, dos quais Chris recebera 25 pelo trabalho de empurrar o instrumento e coletar dinheiro dos passantes. ~~[illegible]~~ Era muito mais do que costumava receber por serviços de limpeza, e ela pensou seriamente em falar com o velhinho e tornar-se efetiva no emprego. Mas mudou logo de idéia - ela tinha os meios para fazerem aquele trabalho, provavelmente ganhando muito menos do que o que ela recebera aquele dia. Além disso, o velhinho podia mostrar-se mais generoso do que o bom-senso permitia ~~[illegible]~~, e ela não queria perder um amigo

Nada mais aniquado que um livro. Colocar as próprias ideias num volume. seu colorido visual era tão fora de época como aquelas ópias antigas que eu ouvia tocar nas ruas de Amsterdam. Mesmo assim, a música do órgão era ouvida por mais pessoas em um mês que em grande mais pessoas ouviam a música daquelas ópias em um mês do que o maior best-seller do mundo em um ano. E ele tinha feito músicas que o país inteiro - 150 milhões de habitantes - tinha cantado e ainda hoje eram cantadas nas festas e bailes. Ele tinha escrito em versos com mais de um milhão de exemplares de tiragem, mas mesmo assim ele queria escrever um livro! Quão infantil ele era. Lembrava-se do que os monges ... etc. E ele estava se comportando da mesma maneira que os monges. Pensando fora o trabalho importante, em busca de um reconhecimento intelectual

O jornal O único jornal disponível no squatter estava sendo lido por 3 pessoas ao mesmo tempo. Mesmo sem entender holandês, ele podia sacar palavras como "Argentina", "Falkland", "Alemanha", "Polônia". Também lá uma guerra nas Índias começado ainda, duas semanas depois dos navios terem saído do Porto. Não se faziam escritores ou maujor como antigamente, quando uma ideia ou uma honra era mantida e lavada com sangue.

Já ficar ali. Não ia voltar ao Brasil, porque a máquina ficaria de qualquer maneira em silêncio. Vagando uma casa que não era sua,

escrever um livro. Porque antes que conseguisse bater à maquina a primeira linha, ele precisava antes contra o medo do editor rejeitar seu livro, o medo de não conseguir um leitor depois, o medo de perder o que estava acontecendo de bom lá fora enquanto ele lutava quixotescamente para transformar-se num importante intelectual de sua epoca. Pleonismo que algum dia chegasse à mesa de empresas, ele precisava antes contra a TV, os jornais, os analfabetos, o mundo. Um livro hoje em dia ua coisa do passado, vestigios de uma epoca onde a palavra era o unico meio de comunicação entre dois ou poucos. Não hoje, escrever e publicar alguma coisa só podia ser explicado como uma necessidade de satisfazer o proprio ego. É nisto de não era diferente dos milhares de velhinhas solteironas, de empregados de escritório, de professores de cursos, que enchiam os bolsos dos editores mandando imprimir por conta própria as memórias, os tesos, os frustrados, e dos quais apenas um exemplar — o da mesa da sala de visitas do autor, encadernado e com o titulo gravado em ouro — teria algum dia sido explicado. Lembrava-se de uma carta citada por ____ em seu livro onde, tambem ele, tentava justificar a fortuna feita publicando com o dinheiro de autores desesperados por não terem conseguido arranjar um editor:

(CARTA)

"É bem provável que ela se meta no meio da briga, só para se machucar e ser ferida", Miguel comentou em português com ele.

Mas seu pensamento estava longe, por mais que ele se esforçasse para manter a cabeça ocupada com os acontecimentos do presente. Por mais ele tentasse ficar olhando fixamente a holandesa, mas não tivera nenhuma resposta encorajadora. Aos poucos ele pensava que tinha que estar no Hotel Bloomer esperando o dia, que tinha que ligar para seus pais, que tinha que festejar localizar Chris de alguma maneira. A batalha para a qual os traders estavam se preparando podia não acontecer hoje, e podia não acontecer nunca, ~~as pessoas tinham sido mortas~~ (VER SE ALGUÉS EU FALEI DE PORQUE AS PESSOAS ESTAVAM LÁ ESPERANDO ALGUMA COISA COMO TINHAM SIDO DA INVASÃO) e ela uma pena ficar ali perdendo tempo. precioso tempo.

Precioso tempo. Quantas vezes ficara sentado diante da máquina, quantas vezes tinha estado pronto para uma batalha que não aconteceu nunca em sua vida: quantas vezes, ~~quantas~~ na inutilidade de um dia ~~dias~~ no mundo da hoje, quando as pessoas para correrem ao primeiro sinal, ~~sua~~ precisava estar vendo a pessoa certa de que no mundo de hoje um dia é tão inútil como a eliminação de bilhas à bala. Quantas vezes ele ficara preparado para montar seus

e sentou-se no chão, e a guitarra de Emmi flutuou - sonolenta suspensa mas sempre bem visível - tornou a ecoar na sala.

O grupo de quinze pessoas - o ~~auto~~ número duplicar na próxima meia-hora - tinha apenas três mulheres: a holandesa que abria a porta, uma chilena tímida, e uma senhora de 65 anos, sentada num canto, e em torno de quem a conversa girava mais. Seu nome era Amalise, e ela criava de vendia flores numa feira de Versailles. Morava há alguns metros dali, e estava no bar de manto sua cerveja (enquanto pensava se devia ou não ir para a fenêtre. Já quase tinha melhorado, tinha ouvido falar que o traateur se preparava para defender aquela casa de uma possível batalha. Imediatamente juntara-se aos dois rapazes que conversavam, e ~~ap~~ era estava ali, pronta para ouvir. Algumas das pessoas pediam-lhe para que saísse, mas de repente alguém lembrou que uma velha senhora com o rupículo santificado podia ter um efeito muito mais contundente na opinião pública do que as dezenas de panfletos publicados anualmente pela . Amanda Rosa alguém se encarregava de chamar um fotógrafo, enquanto Amalise repousava - se por ter descoberto uma maneira de tornar-se importante na vizinhança. Mafalda comentou com ele que era boa possível que ela se mutirse de propósito entre as pessoas que gritavam, apenas para conseguir o seu intuito. Precipitou-se à fotografia.

queimados na rua - procedimento no mesmo local onde hoje as velhinhas estavam se dirigindo queimar pelo sol. ~~Duas crianças que~~

Desde esta época, qualquer pessoa que conseguisse arranjar um pouco mais de dinheiro, mudava-se ~~imediatamente~~ para outra parte de Amsterdam - mesmo tendo que enfrentar a discriminação de seus novos cidadãos, que discriminavam facilmente pela cor da pele os antigos moradores habituais pelo sotaque e pelas comidas que cantava com sua família durante a noite.

Uma holandesa com um bolo na lapela - "FREE URUGUAY" - veio abrir a porta. ~~E ela~~ Quando os dois abraçaram, sentiram a tensão levantada pelo toque da campainha - as 15 pessoas que já tinham chegado ao local pularam em pé, e em silêncio. Não tinham rosto as suas de fuzil, as costas, os paralelepípedos que os empilhavam ou pólo do canto - mas mesmo assim estavam atentas e prontas. Nunca era possível prever qual a boca apertada ocasião um proprietário havia contratado uma academia inteira de box - e ~~eles~~ haviam pago caso de morte nas batalhas que aconteciam quase que diariamente em algum canto da cidade. Mas a vista de Miguel, a descontração foi quase imediata e todos voltaram [illegible]

Jack Keroac, e o cachimbo de agua importado da Judia. Algumas senhoras - as tipicas "fau Hoom" da Jordaan, com seus ~~tamancos~~ bolas sapatos de madeira e suas roupas _____

_____, estavam tinham colocado suas cadeiras na calçada e agora mantinham uma animada conversa no dialeto do bairro - que o Anotador mesmo tem grande dificuldade em entender. Do outro lado da rua, em frente às barracas e às senhoras tomando sol, uma pequena casa de dois andares tinha todas as janelas do terreo fechadas por tabuas tapadas as portas de uma construção. Miguel tocou a campainha da casa. Por uma destas fraudes e comuns ironias do destino, eles estavam no mesmo local onde, em ——, a casa do comissario de bairro Jan Hocken tinha sido ocupada por forasteiros irritados com a maneira que os pobres tinham de tentar empurrar às custas de outros pobres. Jan Hocken, assassinado pelos seus ~~pelos~~ proprios vizinhos causado pelo seus crimes de ter morto de ~~causado~~ seu unico empregado, que trabalhava 20 horas por dia nos curtumes.

A Abel Hermandes O capitão _____, chefe de uma das muitas milicias espalhadas do controle da cidade na epoca - e cujo retrato ainda pode ser visto hoje pendurado das paredes do Rijks museum — tinha aproveitado a oportunidade para desencorajar quaisquer novos atos: Os invasores tinham sido

Jack Kerouac e cachimbos de água importados
da Índia. Do outro lado da rua, uma pequena
casa de dois andares estava com suas janelas cober-
tas por tábuas retiradas às pressas de uma construção.
Era ali que ia se travada a batalha.
Miguel focou a

guerras religiosas contra os reis da Espanha, e o suor da classe operaria que ali tinha morrido de frio e de fome enquanto os patricios das Casas dos Canais administravam um Imperio. Até hoje ninguém sabia ao certo se o nome Joordaan vinha da palavra francesa jardin (por causa das ruas com nomes de flores) ou se os eternos perseguidos de todas as épocas - artistas, mendigos, trabalhadores, alcoolatras - tinham batizado seu santuario em homenagem ao Rio Jordão.

Durante muitos séculos, os habitantes da Joordaan formavam um ghetto nas qual ~~tinham ficado isolados do resto da cidade~~, e só a pouco tempo e que o primeiro meio de transporte publico tinha chegado ate ali - mesmo se considerando o fato de que o centro de Amsterdam não ficava a mais de um quilometro de distancia. ~~Por causa disto os joordanners tinham desenvolvido um senso de comunicade que não se encontrava em nenhum lugar mais do Amstel - as pessoas tinham sua~~ O isolamento, porem, tinha feito com que os Joordaaners adquirissem um senso de comunidade todo especial - ali hoje ninguem chamava a policia para resolver os assuntos internos do bairro, como brigas e disputas. Os artistas estrangeiros - que tinham descoberto na Joordaan o paraíso da vida barata - eram tratados como pessoas, e sempre encontravam mais moleças e carinho do que no resto da cidade. Mesmo com os casais - que se empilhavam em quitas onde nem um canto pequeno consegui passar - abrigando familias inteiras em cada um de seus comodos, a Joordaan sempre achava espaço para mais alguem. ~~E todos eram~~

"Hoogste tecos!" alguem gritou enquanto os dois passavam. (da bunca de frutas) Ao lado, um cabeto estendido na calçada mostrava bico de

Um holandês tentou dizer alguma coisa à ele mas ele fugiu que não tinha escutado, e imediatamente pôs a mão no cabo da bainha - o que parecia uma cena de um livro de espionagem. Ela apenas o medo - o pavor sobre de mostrar-se a si mesmo incapaz de alguma coisa - mesmo que esta coisa fosse "falar holandês", uma língua que ~~distintamente se tornara mais inútil~~ perdera qualquer sentido aprender quando o império fora desmantelado.

As suas colegas holandesas deram-lhe a sensação de que qualquer coisa destas raparigas recatadas estivesse ali na sua cabeça.

Enquanto andavam, seus olhos corriam por todos os bares, por todos os cafés e todas as lojas. Tentou ver uma em que precisava ir para seu país, e chegou mesmo a falar com Lijsje (q.v. adolescente se ~~lhes~~ não tinha sentido dizer como De repente tinha começado a sentir medo, medo de violência física que estava presente em todas as esquinas daquela cidade medieval. Os negros na porta dos bares, ~~as~~ embebedando-se as pessoas já embriagadas ao meio-dia, os ~~velhos~~ esquimeus de 12 e 13 anos que passavam com ~~seus~~ sacos amarrados no ombro. ~~Tendo todos os seus~~ guardavam coisas que ~~se encontravam~~ ~~pelas estantes~~ ~~altas da Hotelaria~~. Mesmo caminhando por ruas com poéticos nomes de flores - Beco do Lírio, Viela do Espinho Raro - ele sabia que a violência já estava ali por muito ano, e que o ~~ácido~~ que agora pisava ~~já~~ tinha sido empapado de sangue nas

No loja
Miguel pediam uma bavaca de henry
- Miguel queria beber sua refeição daquela manhã.
Ele jamais tinha se acostumado com o gosto de peixe
cru, mas continuava insistindo: pedia sua porção
e obrigava-se a comê-la toda. Com bebida alcoólica tinha
sido o mesmo - durante muito ano bania bebida ex-
ceto o vinho, uísque, gim, apenas para fazer rodar
o copo, sentindo náuseas todas as vezes que levava
o copo à boca. Somente após, quando já estava
no meio do quarto de século, é que estava co-
meçando a achar bom o sabor do álcool.
Ninguém sabia a hora exata do fraak
se su suicidio - mas com toda certeza seria na
parte da tarde, quando a polícia está ocupada
demais com as ocorrências diárias para tentar
impedir a luta entre os traakers
e o rapa de invasores. Nem disso, mesmo sabendo
com antecedência da possibilidade de uma fraca
ocupação, é raro a delegacia tomar qualquer
providência de antemão. Pelo contrário, as viaturas
de ambos os lados podem servir de exemplo da
próxima vez que alguém for invadir uma casa - ou
tentar desalojar quem já está lá dentro.
A bavaca de henry estava cheia de gente
- uma animação muito grande parecia ter tomado
conta de Amsterdam desde que o sol tinha
rebrilhado naquela manhã. Al-
gumas pessoas voltavam da feira de Waterboat
carregando as mais exóticas compras - tapetes cor-
dos em tiras, velhos aquecedores de carvão, um
carregamento de rótulos de garrafas dos anos 30.

para os músicos que ~~~~ operavam o ~~~~ sem licença da prefeitura. Hoje ele era um dos oito instrumentos de seu tipo que ainda restavam - ele ~~~~ e o velhinho tinha colocado uma orgulhosa placa no lado direito, onde se lia: "Movido a mão." O instrumento já estava na calçada. → Todo dia o velho e seu ~~~~ empurravam o pesado mecanismo por quase 1 km até a cidade, ida e volta. Hoje, porém, ele ~~~~ estava sozinho - Valmy esperando pelos mas haviam aparecido. Na mesma hora Chis ~~~~. Claro que ela e o velhinho não seriam suficientes para erguer o ~~~~ até a tinham força Mas desde que ela encontrara ~~~~. ela ficou encantada com a solução, tinha certeza - e o dia de Raul estaria tranquilamente assegurado com parte das ~~~~ gorjetas.

Chis andou em direção ao velho tocador de ~~~~. Parou Viu uma vez o milagre se repetir - o milagre que Cristo comentara há 2000 anos atrás referindo-se ao lírio do campo e ao ~~~~ dia sem que alg~~ aves do céu. Mais um dia tinha mostrado o seu sorriso, e nada mais excitante do que ~~~~ que nunca tinha feito antes e que não ~~~~ haveria de fazer amanhã.

Foto, sim é que era boa.

onde conseguiu um centavo sequer. Mas Sinha
saía sempre assim todos os dias, e ela
sempre dava um jeito de voltar pela casa
~~com o bastante para não deixar o seu homem passando~~
~~fome na~~ alma.

As ~~ó~~fias estavam lotadas naquela manhã, e
Obá reparou que muitas de seguir
caminho para a
cidade, ela parou um pouco ao lado
do velho tocador de órgão, que também
se preparava para sair. ~~Por um átimo~~ Depois o velho, aquele monumento
podiam ser vistos nas ruas de Amsterdam - ~~pessoas~~
~~pequenas~~ caixas de madeira lindamente trabalhadas,
com bonecos que se moviam tocando sino e
~~para~~ ~~segurar~~ ~~a~~ ~~esmolas~~ ~~dadas~~ ~~pacientemente~~
holandesas desenhadas em toda volta
~~arrumadas~~.
Justificando o ~~fé~~ do órgão era tocado a cada ~~parada~~ ~~estudada~~ ~~feita~~
~~Lgravidade~~ no ~~ponto~~ ~~especial~~ ~~todo~~
~~que cada melodia exigia~~ ~~sua~~
que cada melodia tocada no órgão pedia o seu próprio ritmo e uma pro-
priedade. Hoje em dia, porém -
~~a velharia~~ ~~do~~ ~~órgão~~ ~~foi~~ ~~esquecida~~ - a antiquíssima
~~a~~ melodia foi adaptada à fanfarra
maioria dos órgãos manuscritos, e seu dono
~~só~~ ~~tinha~~ ~~necessidade~~ de ficar atrás os passantes
~~acudindo~~ ~~no mesmo ritmo~~ da música dançando que
era utilizada para colocar as moedas.

O velhinho, porém, tinha morrido
seu velho órgão saiu de moda no século XX.
~~Apesar~~ ~~das~~ ~~empresárias~~ ~~modernas~~ ~~já~~ ~~que~~ o
~~dedicadas~~ ~~filhas~~ ~~desinteressadas~~ O instrumento
filha viúva herdado de seu pai - uma
~~leg~~, ~~uma~~ ~~adaptada~~ fiel à holandesa pela
tradição coragem, e que na aplicada

e o português, Miguel(?). Linha ~~Brito~~ Rocha ~~Brito~~ anos [illegible] naquela casa. Mas era algo perigoso, principalmente pena os inquilinos que poderiam ser expulsos do prédio por causa disto - e Ele Linha decidido ficar no ~~Bosco~~ hotel. Segundo ele, para escrever um romance sobre o bairro.

Mas nem Linha sabia a casa que Miguel Linha indicado ~~ficaria~~ Rapunzel perdia os pelos da ~~Dude Klark~~. Mas eles Linham ido em frente o lugar que Miguel indicara - um velho prédio em cujas janelas dava para ver o relógio da Dude Klark. E ela Linha se esquecido daquilo, até o dia em que precisaria dar um telefone para alguém - um teto e um abrigo para Raul. Os dois Linham ido até lá de noite, com alguns móveis ~~cortados~~ comprados na feira livre das ruas do bairro. E, sem ao menos ~~precisar~~ dominar o medo ~~que~~ ela não conhecera - ela nunca conhecera o medo em sua vida - Linha arrombado a fechadura da casa e instalado ~~os~~ os poucos pertences - antes que os donos velhos do lado ouvissem o barulho e chamassem a polícia. Quando os guardas chegaram eles já Linham colocado uma nova fechadura na porta, e nada Linham. Porque não eram culpados de nenhum crime, e a polícia precisava de um mandato judicial para entrar no mesmo lugar onde eles Linham entrado apenas com a coragem de Deus. Até ali, pela primeira vez, Linha estado do lado deles - depois de anos e anos atuando contra.

~~Estranho~~ Olhou para a rua, preocupada apenas com o presente, com aquela manhã de sol e com a necessidade de ir mais uma vez por Raul. Mas Linha a mesma Linha de

(?) - Talvez seja melhor não mudar a história com Miguel. Quem sabe outra pessoa?

Entretanto, Jamais precisara do dinheiro para comer. Sempre - e depois ela - tinham. Ela provido de tudo.

Raul. pram, tinha ensinado a ela que dinheiro não é apenas a coisa mais necessária do mundo - mas é também muito difícil de ganhar. No primeiro dia que tinham estado juntos - ambos dormiram na Central Station, abraçados um no outro - nenhum dos dois tinha para onde ir. Mas ela acordara preocupada, e Raul acordara tranquilo - talvez um pouco tenso pela falta de heroína, mas assim mesmo tranquilo. Tinham saído depois de tomarem entre si apenas o essencial, e Raul começara a ficar aflito com o sol, com o dia, com as pessoas andando na rua daquele sábado que parecia estar há milhas de anos de distância. Ele tinha ido até a Zeedijk - que ela não conhecia - e lá tinha pego uns papelotes de heroína para vender. Meia-hora depois tinham dinheiro apenas para comprar a droga, como para um lauto almoço - que apenas ela comeu, sentindo-se muito culpada por não ter colaborado com um centavo.

Foi o único dia que ela tinha visto Raul fazer o tráfico, porque ele preocupou-se - quase o tempo que ela - e também ela - em conseguirem um lugar onde vender. Ele estava há 2 meses em Amsterdam mas já tinha feito uns bons contatos. Demorou uns dias até começarem alguma coisa juntos, sem ninguém saber nada do que o outro. Mas tinha sido ela que deu a idéia de encontrarem-se aqui - Eles estavam no Leidse Plein - Ele tinham procurado muito lugares antes de se decidirem a continuar no Dommer - [illegible] que ninguém queria - nem tinha nada

Chris olhou, ao la do dax seringa e da colher com o cabo retorcido, o papolete branco com um pouco de pasta marron- bem diferente do que costumava ver em filmes. Por causa de Raul ela tinha experimentado heroina algumas vezes, mas sempre terminava vomitando e com longos períodosx de ressaca. Agora já não usava mais a droga, e Raul não insistira - sabia que ela podia ajuda -lo muito mais se se conservasse lúcida, e não se sentia sózinho porque Chris, mesmo tem ser nada na veia além de seu proprio sangue, compartilhava do mesmo mundo de paz e tranquilidade que ele conhecia de maneira tão especial.

Ela fez um pouco de ca fé fresco, e deixou o desjejum preparado - no caso de Raul acordar antes ~~do que estava pensando~~ dela lavar wlhado. ~~Foi sua preocupações~~ Depois colher a preocupar-se com o que estava pensando desde o momento em que o vidro: dinheiro. Precisava de dinheiro para sustentar a si mesma, a seu companheiro e amigo, e ao mundo de fantasia que ele havia criado para si. Ele dizia em que fuga do hálf Brown, sem absolutamente um centavo no bolso, ela vira oprimida pelo simples pensamento de que faltaria dinheiro para comprar comida, de sustentar a si mesmo quando tantas pessoas, mesmo as mais boas e as menos capazes, sempre encontravam uma maneira de pagar as contas no fim-do-mes. ~~Nos dias, até aquele dia, Linha apenas~~ Ter o pouco dinheiro que ela tinha tinha, até aquele dia, tinha sido apenas para comprar suas roupas e seus sapatos, e as frutas de seus quadros que ninguem queria comprar. Tinha falta dinheiro como todas as pessoas de sua idade: vendendo pequenas bolsas, brincos, pecas de artesanato, para as lanchonetes e as lojas do país onde vinha

se acostumada a não pensar na vida, nem nos problemas de Sinha Antônia, nem no fato de que o mundo abrigava tanta gente muito faca — alguns, inclusive — algumas pessoas inclusive, mais fracas do que ela. Não, tudo que ela estava acostumada a pensar é que Ela precisava cuidar um filho. Ela Sinha é composto como qualquer mulher que não é dessa classe nome, que pensa apenas nos problemas de seu homem - e deixa seu - homem pensar nos problemas do mundo.

Mas quando Sinha visto Raul no seu braço, ela Sinha se sentiu sozinha sem ninguém para cuidar. Gente de novo. Nunca. Que precisava proteger alguém) dar aconchego e calor a uma pequenina criatura Sinha sentiu que como só as mulheres são capazes de dar - e que as mulheres têm filhos nas próprias. Raul Sinha se chegado até ela porque se sentia mais fraco e mais indefeso que uma mulher chorando no meio da Grande Estação Central.

Chiste foi até a janela e viu que fazia sol, mas que o chão da rua estava molhado - que tinha chovido durante a noite. Sinha Antônia - Sinha tomado a última dose de heroína quase às 2 da manhã da noite anterior, e isto significava que não acordaria antes das 2 da tarde. Era hora de Chico ir para a rua e Sinha conseguir algum dinheiro para o seu homem.

O pensamento a ser seguido foi muito bem, e ela começou a fazer da música que os olhos focava lá na rua. Raul Sinha drogado uma dose para tomar quando acordasse, e não ia precisar de uma nova aplicação depois da já tivesse feito tempo suficiente para que conseguisse o dinheiro.

leite e o colchão que surra de cama. Quando pre
cisasse de um banho, bastava ir até um dos
muitos Banheiros Públicos da cidade - aqueles em contos
muitas casas dos canais já tinham seus banhos mo-
dernos - foi a parte da tradição histórica
de Amsterdam tomar o chuveiro num outro
lugar, que não fosse a própria casa.
Qualquer pessoa - mesmo a rainha da
Inglaterra ou o Primeiro Ministro do Canadá -
podia vir no lugar onde ela vivia. Era só
se acostumar com a ideia de que o
ser humano precisa do essencial - e nada mais.
Qualquer coisa o que i adquirido além do
essencial / humano se tornando um peso inútil,
e a pessoa mais cedo ou mais tarde termina
pagando o preço de acumular coisas além das próprias neces-
sidades.
Seus pais continuam lá tamanho da mesma
grata que tinha quando tinha tinha o BH,
há duas semanas atrás. Nem mais, nem menos.
Não tinha precisado vender nada do que que-
ria - nem mesmo seu corpo. Porque naquela
mesma noite na estação, ela tinha encontrado o
homem da sua vida.
Ele se chamava Raul, era alto, moreno como
o pano índio do Peru onde nasceu, e não tinha
falado nada com ela - nem tinha se comportado
como os milhares de outros homens aquela noite,
dizendo gracinhas ou prometendo o mundo para levá-la
para a cama. Apenas sentou-se ao seu lado na es-
tação e encontrou nela para poder dizer: Não
Tinha pedido nem permissão, nem desculpas. A
simplicidade de seu gesto tinha espantado
o primeiro momento de tensão e de confusão de
Lourdes que ela sentia. Ele estava tão indefeso,
tão mais indefeso que ela; que ela tinha
inclusive experimentado uma agradável sensação
de poder e de proteção. Durante todo o tempo
em que estiveram com Ele, sempre tinha visto e

O endereco do krack a ser defendido ficava bem no meio da Joordann, e eles atravessaram o antigo bairro pobre de Amsterdam olhando as pessoas brancas, sentadas reverencialmente diante daquele sol que se dignara a aparecer por alguns instantes, fazendo com que a primavera realmente se parecesse com pri avera. Por todo lado cadeiras tinham sido colocadas nas ruas, as mesas de calcadas dos bares estavam cheias, e as pessoas se sentavam nos paralelepipedos e no qualquer chão que fosse tocado por um abencoado raio de sol . Todos pareciam felizes, contentes com aquela súbita e agradável surpresa de uma manhã chuvosa. O ar estava limpo e ele estava contente porque ia ver alguma acão, ~~iaxparticipar~~ alguma coisa ia acontecer. Pensou que gostaria de ter agora Chris por perto, ~~para contar a ela~~ ~~e estar disposto e corajoso~~ de viver com ela esta manhã de sol e ~~este momento de atividade~~ a luta pelo krack. ~~Pensou apenas por um mi~~ ~~nuto~~ Mas logo se controlou, fazendo um enorme esforco para conversar com Miguel a respeito do que estava sendo vendido na feira, e de como poderiam fazer algum dinheiro se conseguissem roubar algumas pecas do Brouwer - o velho Geral jamais daria pela falta de uma sequer.

O sol para ele não era novidade.

Onze horas da manhã. Ela abriu os olhos [com a música vinda da rua, e percebeu] e notou que o velho tinha terminado o conserto de seu ~~começado a tocar seu~~ órgão elétrico. Breve ele estaria com seus dois filhos ~~fazendo~~, [no centro da cidade, enfrentando o frio que ainda fazia] em troca de algumas moedas que jamais ~~fariam~~ seriam iguais aos juros do dinheiro da venda daquele órgão aplicado num banco. Ela estava acordada pensando em dinheiro, coisa que nunca fizera antes mas que agora, nestas duas últimas semanas, estava se acostumando a fazer. Precisava de dinheiro, cada dia precisava mais de dinheiro. E por causa disto, tinha que ir para a rua imediatamente.

O quarto era pequeno, mas continha tudo que era necessário: um fogão, uma pia, o toa-

por diante, até que no mínimo trinta pessoa s tivessem sido avisadas. Miguel, que não via no krack nenhuma posicao politica que seus compa-nheiros viam, tinha mesmo assim que participar da luta e arriscar a sua pele para defender xxxxxxxxxxxxxxxxx o direito de habitacão dos outros - já que um dia os seus rentáveis investimentos podiam precisar da mesma ajuda. E hoje de manhã, xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx recebido uma chamada de SOS.

"Estive pensando numa nova maneira de aumentar meu patrimonio", disse Miguel, enquanto os dois caminhavam pelo meio da feira livre de Westerstraat. "Vou comprar dos junkies que habitam em cracks o direito da casa. Desta maneira, consigo levantar os 100 mil dólares que preciso!"

Ele olhou xxxxxxxxxxxxxx surpreso xxxxxxxxx para Miguel. Afinal de contas, o portugues estava criando uma nova estrutura social no sub-mundo da revolucão muda. Não apenas estava alugando o que conseguia crackear, mas agora estava "comprando" imoveis para re-vende-los. Sabia que os junkies faziam qualquer oicsa por dinheiro, Miguel
E ia utilizar-se disto como xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx os latifu diarios de seu país exploravam o xxxx as familias que preci-savam alimentar seus filhos . Cxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Miguel reparou o olhar e abriu seu largo e simpático, ir resistível sorriso:

"A unica forma de qualquer coisa sbbreviver, é quando o dinheiro comeca a rolar. Senão, pá, daqui a pouco alguem dá um jeito de acabar com toda a nossa brincadeira."

O portugues tinha razão. O idealismo de sua geracão tinha morrido quando Bob Dylan t inha investido o dinheiro ganho em música na vompra de pocos de petroleo. Seus amigos idealistas estavam trabalhando etrás de balcões de bancos. E ele mesmo nunca tivera vergonha de vender aos Sistema o seu talento para escrever. PxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxSim, o portugues estava certo.

tornar-se uma espécie de"corretor" de kracks em Amsterdam. Enquanto a maioria dos kracksvia no ato de tomar uma casa uma atitude política contra o sistema da propriedade privada, Miguel tinha visto no mesmo gesto uma maneira de adquirir bens que ele jamais conseguiria obter de outra maneira. De ma neira que em seus tres anos de Amsterdam, já conseguira com sucesso realizar quatro kracks, e tinha sublocado cada um dos prédios por um preco apenas relativamente menor do que o cobrado na área. Quando o prédio precisava de reforma, Miguel contratava a farta mão-de-obra barata que podia ser encontrada entre as dezenas de milhares de pessoas vivendo ilegalmente em Amsterdam. E frequentemente conseguia instalar luz direta do fio-de- alta-tensão, sem que esta passasse pelo medidor(mas o inquilino, que não sabia disto, sempre pagava uma "taxa de luz" cobrada como extra no aluguel).

Em apenas uma coisa Miguel não era idependente: defender seus predios krakeados contra ou os agentes de seguranca contratados por proprietarios desesperados,que sabiam que não podiam contar com nenhuma ajuda da policia. No inicio, o expediente de retirar os kra ers do local com o auxilio de bem dispostos lutadores de karate, tinha dado bastante resultado.

pessoas que ocupavam os prédios eram junkies, artistas solitários exestrangeiros que não tinham dinheiro para pagar hotel. O proprietario e seus "agentes" raramente precisavam recorrer à forca da que o poder de persuasão de meia-duzia de bracos musculosos exteriormente falam eloquentemente por si mesmos, principalmente quando a pessoa que está contemplando estes braços é um artista subalimentado, um um junkie que não tem sequer forcas para levantar-se da cama.

Ma s a facilidade dos primeiros sucessos logo deu margem a um contra-ataque: Foi fundada uma associacão, a Krack pand, com o objetivo de defender a crescente comunidade dos krakers. seriamente ameacada de ser extinta como os pandas e as baleias - que tanto defendiam. E hoje em dia, qualquer krack que precisasse de ajuda bastava ligar para tres numeros de telefones. As pessoas que recebiam as chamadas ligavam para mais tres cada uma, e assim

"Um krack telefonou logo em seguida, um SOS de emergencia. O dia está muito agitado hoje".

Krack era uma palavra relativamente nova no dicionario de holandes , mas mesmo Gerald Brouwer, cuja única preocupacão com o mundo era vender o hotel e saber a solucão dos de palavras cruzadas, já tinha ouvido falar no assunto . Com o problema de moradia agravando-se cada vez mais desde o final da segunda guerra, o governo holandes tinha aprovado no parlamento uma lei que permitia a ocupacão de um imovel que estivesse por mais de seis meses desalugado. (INFORMA COES DETALHADAS A RESPEITO DE CRACK) (dois passos da Europa / atitude política / nome do chack / mudança da lei

Miguel, porém, tinha visto no "krack" uma das muitas formas que sempre encontrava para ganhar dinheiro. Afinal de contas, ele se recusava a limpar o chão ou a catar o lixo dos holandeses, como fazia a maior parte dos imigrantes e trabalhadores ilegais na Holanda. Chegara em Amsterdam sem um centavo, procurado pela policia de portugal como traficante, e tres anos depois já estava com um capital consideravel, quarenta mil dólares, que mes que vem seriam investidos na compra de uma grande partida de heroina . O lucro final segundo Miguel seria da ordem de meio milhão de dolares, o que lhe permitiria nunca mais trabalhar em sua vida. No momento, porém, ele se comportava como um bom mercador holandes do século XVII: continuava morando no seu primeiro crack, em cima de duas prostitutas, para ter o dinheiro líquido qu ndo precisasse.

Pra juntar os seus quarenta mil dólares, tinha concebido um plano simples mais genial: de Amsterdam.

O sol tinha voltado a brilhar em Amsterdam, e ele viu que Brouwer - mesmo com seus sessenta anos de vida, ainda não era capaz de entender nada a respeito de tempo. Também relacionou o sol com um bom presságio - talvez naquele dia viesse a fazer alguma coisa de muito importante para si mesmo e para o mundo. Estava se sentindo feliz por estar sózinho, e continuou andando para a Joordaan [illegible] sem entender porque, apesar de tudo, [illegible] seu coracäo ainda estava pesado de dor, a sua alma uivava de desespero e de saudades, blasfemando contra Amsterdam e pedindo para que o solo pantanoso sugasse de uma vez por todas aquelas casas e aquelas ruas que se recusavam mostrar onde Chris estava.

"Voce viu a briga de ontem à noite?"

Ele estava há meia hora sentado no sol, tão absorvido nas saudades de Chris que nem tinha notado Miguel, o portugues ,se aproximar. A sua volta, o mercado da Westerstraat comecava a entrar nas ausas horas de maior movimento. Antiguidades, comidas, tercidos, carimbos velhos, contrabando e roubo, tudo tinha seu vendendor e seu comprador certo.

"Que briga?" elep perguntou, contente por ter aparecido alguém - agora poderia desviar sua mente para assuntos mais importantes.

Um bando de punks tinha quebrado as janelas das prostitutas que trabalham ao lado do Brouwer. Miguel, que mora em cima de uma delas, tinha acordado com o barulho dos vidros qubrados, e imediatamente disparara sua arma para a rua, pensando que era [illegible] um assalto. De ois não ti ha mais conseguido dormir o resto da noite, preocupado com a possibilidade de ter acertado alguém. De manhã a polici[illegible] tinha batido na sua porta, para lhe perguntar sobre a briga de gangs [illegible] - um dos garotos ~~estava~~ tinha sido ~~seriamente ferido~~ alvejado com uma bala no pulmão. Mas [illegible] Miguel tinha dito aos policiais que passara a noite fora - e o caso tinha ficado nisto mesmo . Afinal de contas, cenas como esta estavam ca da vez mais comuns em Amsterdam.

ruas.

A crianca, cmo se adivinhasse o que ele estava pensando, correu até seu lado exx comecou a lher perguntar coisas. Ele fingux que não estava escutando e apressou o passo, consciente de que teria ficado muito sem graca de ter que explicar aquela crianca, por sinais, que não estava entendendo uma palavra do que ela estava dizendo.

Tinha sido casado três vezes - Jocasta, Adalg sa, Cecilia e Christina - e já estava acostumado a separacões, já tinha vivido muitas vezes manhãs semelhantes a esta, sem coragem para trabalhar e sem ter alguem ao seu lado para comentar a vida que o cercava. Agora ia ser muito dificil escrever qualquer coisa, pois todas as suas energias estava concentradas na busca de uma nova companhia, alguém que escutasse o que ele precisava dizer, e que trouxesse bandejas de café cada vez que ele resolvesse se trancar no quarto para escrever seu livro. Chris, sim, Chris sabia direito como lidar com ele - mas era bom esquece-la, não pensar um minuto sequer nela, porque não adiatava ficar sofrendo enquanto gastava dólares - ao invés da moeda de seu país. Precisava pensar, por exemplo, que agora poderia usufruir ao máximo de sua viagem, teria oportunidade de conhecer outras camas e outras culturas. Podia ficar sozinho no sótão do Brouwer toda vez que quisesse, e ninguém estaria lá para lhe distrair. Não tinha mais que fingir irritacão toda vez que quisesse sair, não teria mais que ficar angustiado toda vez que demorasse um pouco mais para chegar em casa. Era um homem livre novamente, um homem acostumado com separacões, e não tinha nem sequer uma crianca para se preocupar, uma crianca que jamais poderia ser criada em Amsterdam porque poderia cair dentro de um dos canais enquanto ele olhava a topo das casas . Ah, como era bom não ter mais que ouvir as ternas recriminacões mudas, e como ele se sentia melhor por ter sido Chris quem tomara a decisão; assim ele não tinha assistido aquelas cenas piegas que as mulheres aprendem no cinema e depois vem praticar em casa, e onde desperdicam todo o talento dramático que possuem.

Era preciso encontrar alguma coisa para encher as próximas horas. Estava pensando em ligar para seus pais e saber se ela tinha volta do - apesar de alguma coisa lhe dizer que Chris ainda estava em Amsterdam, que terminaria cruzando com ela pela rua. Ele ficou ainda algum tempo sentado na sala de café, e duas vezes tentou conversar alguma coisa com Mr. Brouwer, mas este não parecia muito inclinado a falar. A única alternativa era aproveitar a estiagem e caminhar um pouco - mesmo sabendo que isto lhe daria um imenso complexo de culpa por não estar sentado no sótão, escrevendo o livro de sua vida.

Ficou ainda alguns minutos pensando se não era melhor subir e escrever, mas lembrou-se de uma frase de Joey,"as pessoas corretas e sérias sempre terminam perdendo o que há de melhor na vida". Assim, quando os próximos hóspedes desceram - um casal muito falante, que esta a voltando da África depois de uma viagem de tres anos - ele abriu a porta e saiu.

O relógio da ~~Oude Kerk~~ MONTELBAANSTOREN marcava oito e meia da manhã, e ele começou a caminhar em direção à Joordaan , o anti o barrio proletário de Amsterdam da cidade. Seus dias eram sempre muito piores que suas noites, já que depois das seis ele sempre podia tocar a campainha de Joey e esquecer de que todas as mulheres na rua se pareciam com Chris. Estava sériamente considerando a possibilidade de pedir a Joey qye largasse o seu trabalho - o governo holandes se encarregaria da pensão de desemprego, e eles podiam ficar mais tempos juntos. Mas se ele fisesse isto, estaria assumindo um compromisso antes que tivesse desfrutado suficiente a liberdade que gozava desde que Chris tinha resolvido ir embora - e ainda era muito cedo para se juntar com alguém. Antes precisava tentar encontrar a verdadeira mulher de sua vida , aquela que lhe ajudaria a escrever um livro, o livro que amava mais do que tudo no mundo.

Amsterdam é uma cidade que acorda tarde e só agora ele comecava a ver as primeiras bicicletas se dirigindo ao centto da cidade. Agluns policiais já estavam nas ruas, multando os carros que tinham passado a noite estacionados em cima das 600 pontes da cidade. Ele cruzou com uma mãe levando seu filho para dar um passeio, e teve vontade de estar casado com a uela mulher levando uma vida comum numa casa comum de uma cidade comum- qualquer cidade, menos Amsterdam , onde as pessoas pareciam tão fora de prumo como as casas nas

De vez em quando o sul-americano lhe pedia mais um sanduiche, uma outra chicara de café, e ele não cobrava nenhum deles porque não so porque economizava um ovo a cada manhã, mas seu hóspede continuava pagando o preco de um quarto duplo. Sem que Gerald lhe perguntasse qualquer coisa, ele lhe dinha dito que sua mulher (enfim, era sua mulher!) viajara até a Alemanha para visitar uma irmã. Mas Brouwer estava acordado no dia em que ela tinha ido embora, e sabia que nenhum trem parte de Amsterdam à uma hora da manhã de um Sábado de Aleluia. De todas as explicacões possiveis, Gerald sabia que uma era a mais provável: a mulher o tinha abandonado.

Preparou um café fresco. Colocou os sanduiches na frente dele e voltou às suas palavras cruzadas - os outros hóspoedes ainda custariam um pouco a acordar. Mas, ao invés de concentrar-se na solucão do problema daquele dia, ficou observando o sul-americano com o canto do olho. Ele devia estar sofrendo muito, porque olhava a chuva com um ar triste, e Brouwer sabia que a chuva provoca em todo mundo recordacões de tempos felizes. "Nada pior do que sofrer de amor", disse Brouwer para si mesmo, ele que jamais experimentara paixões por mulheres, tinha amado o mar e as histórias de pescadores, mas que nunca tinha experimentado a paixão de uma mulher. Mas já tinha visto seus hospedes se embriagarem, tinha escutado confissões infindáveis, tinha presenciado cenas de ciúme e de ódio suficientes para saber que o amor , quando machuca, fere mais fundo que qualquer outra arma que o ser humano possa ter inventado. E Gerald Brouwer, que tinha comecado aquela manhã com recordacões dolorosas do passado, sentiu-se um privilegiado entre os homens - porque nos seus 59 anos de vida, não sabia o que era sofrer por amor.

As ruas andavam cheias de drogados, de turistas ,de assaltos. E os velhos capitães, que tinham dado a volta ao mundo ,descoberto a pesca de baleia no polo norte, espalhado o nome do rei pelos quatro cantos da terra, não viriam nunca mais até o Hotel Brouwer tomar o café da manhã.

Gerald folheou o jornal sem grande interesse. Fazia tempo que não se preocupava mais com o que estava acontecendo no mundo. Também neste ponto as coisas tinham mudado; antigamente valia a pena acompanhar as noticias, porque elas podiam influir diretamente na vida de cada um. Existiam guerras e ocupações, bloqueios navais e heroismo. Mas ele não precisava mais se preocupar com isto porque mais, enquanto durasse o mundo, a Holanda seria ocupada: Se estourasse a próxima guerra, toda a Europa seria riscada do mapa.

Brouwer continuava comprando o jornal por duas razões: porque lhe lembrava as manhãs da infancia, e porque fazia as palavras cruzadas. Tinha acabado de pegar o lápis e o dicionário quando o primeiro hóspede lhe deu "bom-dia" e sentou-se na mesa do café. Era o sul-americano.

"Parece que o tempo melhorou hoje", ele disse, e Gerald Brouwer não se deu ao trabalho de responder porque sabia que era apenas uma observação convencional. Também não colocou nenhum ovo na panela, já que o sul-americano tinha lhe dito que jamais comia muita proteína de manhã: fazia mal ao coração.

Gerald bebeu o café, e voltou às palavras cruzadas; já que os outros hóspedes demorariam ainda um pouco para descer.

Brouwer afastou o velho gato com um pontaoé, e comecou a marcar no relogio os minutos necessários para fazer um bom ovo cozido. Mesmo detestando o seu trabalho - e ~~aquela~~ a hora do breakfast era a pior de todas, porque tinha que cobrar dos hospedes o preco da diária, e ate hoje não se sentia a vontade para falar de dinheiro - ele fazia questão de mostrar que era um bom profissional.

~~xxxasxmesasxasxjáxestavamxtodasxpostasxxosxsanduichesxfeitosx 0xhospedexsulxamericanoxfoixoxprimeiroxxxlxxxerx~~

Tinha acordado - como sempre acordava há quarenta anos - as ~~sete~~ cinco e meia da manhã. Estava ~~chovendo~~ caindo uma chuva fina, que provavelmente iria se estender pelo resto do dia, mas já não estava tão frio como há duas semanas atrás, quando, durante a Semana Santa, os termometros tinham descido até o zero. ~~Brouwerxtinhaxidoxatéxapadariazaoxladoxdoxhotelx~~ Ele ~~fora~~ vestira a capa, fora comprar o pão, e na volta tinha pego um exemplar do "De Teleegraf", repetindo um ritual que fazia há quase trinta anos. As mesas de café estavam postas desde a noite anterior e ~~agoraxzenquantoxesperavaz aszseusxhóspedeszacordarem,xxelexpodiax~~ ele terminou de preparar os sanduiches enquanto esperava que o ovo ficasse pronto. Depois sentou-se numa das mesas, colocou uma chicara de café para si mesmo, e comecou a folhear o jornal enquanto esperava seus hospedes acordarem.

Se a hora do breakfast era a que mais detestava durante o dia, aqueles minutos consigo mesmo, antes de que a cidade e o hotel entrassem na agitacão de sempre, tinham para Gerald Brouwer um significado todo especial. Lembravam-lhe um pouco a infancia, quando muitas vezes tinha acordado cedo para ir a escola, antes de sair para ~~quando Amsterdam ainda era uma cidade do interior e não tinha sido descoberta pelos turistas. Muitas vezes, antes de~~ ir para a escola tinha visto seu pai sentado naquela mesma mesa onde ele estava agora, lendo o mesmo jornal que lia agora, tomando café. reclamando dos ~~xxxlxxxxxxdx~~ negocios e fazendo planos para mudar de ramo. Naquele tempo a Holanda ainda controlava um império - Indonesia, Afrida do Sul, Guiana Holandesa, e mesmo

Nao sabia sauda que colocou o dedo no dique, mas existiam!...

mesmo assim Amsterdam ainda continuava sendo uma cidade do interior, com vizinhos que se conheciam e velhas senhoras que colocavam cadeiras na calcada durante o verão. Naquela época, as vidas eram bem divididas, exceto pelas noites de verão, quando todos saíam para tomar ar fresco. Há Toda ma nhã alguns barcos paravam na frente do hotel, e os pescadores vinham tomar café e contar os feitos da noite anterior. As pessoas eram amigas se conheciam pelo nome, e moravam há dezenas de anos no mesmo endereco.

Brouwer várias vezes tinha caminhado até os limites da cidade - que ficavam na _____, ha apenas um quilômetro dali e tinha olhando o campo à sua volta, as terras baixas conquistadas do mar e nunca tinham sido devolvidas . (TRECHODA HISTORIA DA HOLANDA).(1)

Mas tudo isto tinha acontecido há muitos anos atrás, na época em que amava a vida e que queria ser marinheiro, navegar como alqueles capitães que toda manhã vinham tomar café com seu pai. Até hoje guardava velhos recortes de navios - não sabia onde tinha colocado, mas deviam estar em alguma parte do hotel - e teve uma época que saabia de cor a formacao de toda a Armada holandeza.

Gerald olhou o Singel já através do vidro - daqui a pouco iria passar o primeiro barco de turistas, e os botes cheios de peixes e de historias já não eram mais perm tidos nos quatro canais que cortavam o coracão de Amsterdam . Daqui a pouco iria descer o primeiro hósoede. e seu pai , se hoje fosse vivo, já não teria mais o que reclamar dos negócios. Desde que terminara a II Guerra Mundial Amsterdam tinha conhecido uma expensão que poucas cidades conheceram. O número de habitantes tinha pulado de 200 para 500 mil, e continuou crescendo até torna r-se - pelo menos pa ra Gerald Brou er - absolutam nte insuportável. Chegaram os iddonesios, depois chegarm os surinameses. depois chegaram os italianos, turcos. chineses, e já não se podia mais identificar a classe social de uma pessoa pelo seu endereco. Quando seu pai era vivo, as pessoas que moravam nos canais já esta vam ali por várias geracões. Hoje ele era capaz de encontrar um squaterr no prédio ao lado, e uma prostituta na casa em frente.

e da sua alma. Queria estar com ele agora como sempre tinha estado, mas era tarde muito tarde para voltar atrás. A esta hora ele já devia ter chegado em casa, e já devia ter notado que suas roupas não estavam mais ali.

As pessoas faziam fila diante do único guichê aberto, um rapaz pedia esmolas, e duas garotas tinham dormido no chão. Chris olhou as manchetes dos jornais ingleses, e viu que os argentinos tinham invadido as ilhas Falkland, mas não deu maior importancia a isto. Estava sem comer e sem dinheiro, e tinha que encontrar um jeito de se alimentar - o frio era pior por causa da fome.

E de repente, mesmo com todas as providencias práticas que tinha que tomar, ela sentiu um calor subindo de dentro do corpo e sabia que era o pranto, guardado durante tantas horas e tantos dias e tantos meses que agora resolvera explodir. No meio das pessoas que faziam fila no unico guiche, na frente do rapaz que pedia dinheiro trocado. perto das duas meninas que dormiam apesar do frio, na Grande Estacão Central ela sentou-se e chorou.

-"Estas são as palavras de teu filho", esplicou o anjo ao velho. "Não são as palavras de teu filho poeta, porque o tempo destruiu seus versos e ele teve em vida a recompensa que merecia. Mas são as palavras de teu outro filho, o centurião romano, que um dia foi até a Galiléia pedir a Jesus que curasse seu escravo".

Chris tinha chorado com a história , porque ela estava olhando as estrelas no céu e sabia que os caminhos de Deus eram mais misteriosos que o caminho das estrelas. E ela tinha segurado a sua mão, e sabia que o amava mais do que jamais amara alguém em toda a sua vida, porque ele era capaz de ser romantico como uma mulher, e com um dos bracos apontar o céu, e com o outro braco tocar seu corpo que se espalhava sobre a Terra.

Ainda haviam estr elas no céu, mas ele não estava mais ao seu lado. E ela não estava mais nas montanhas da sua terra, mas do outro lado do mundo , para onde tinham vindo porque ele lhe disia que precisava escrever um livro. Ela olhou as luzes do outro lado do porto , e novamente sentiu vontade de chorar, e mais uma vez conseguir evitar as lágrimas. O vento tinha aumentado e , mesmo que ela quisesse ficar olhando as estrelas, já não conseguia mais aguentar o frio. Levantou-se, pegou sua mala, e comecou a caminhar em direcão à Estacão Central. Um velho bêbado cruzou com ela no caminho e lhe disse qualquer coisa em holandes - e esta não era a sua lingua e o chão que pisava não era a sua terra. Nunca pensou que um dia poderia ter este sentimento - sempre gostara de viajar, considerava as fronteiras como uma instituicão remanescente da época medieval , e quando se está aberto para isto. Nenhum destes seus conceitos tinha mudado.

porque nas montanhas eles sentiam que eram livres, e que podiam mudar o curso da vida que levavam a qualquer momento.

Naquela noite olhando as estrelas e tentando identificar as constelacões, ele tinha lido contado uma história muito bonita. A historia de um homem velho muito bom que viva na antiga Roma e que era um homem muito bom, e que tinha dois filhos - um militar, e um poeta. Um dia, consultando o oraculo mais famoso de cidade Roma, ele soube ficou sabendo que as palavras de um de seus filhos seriam repetidas através de muitas geracões , até que o mundo chegasse ao fim.

O tempo passou, o filho que era militar foi servir no Oriente Médio, e o filho que era poeta tornou-se reconhecido e celebrado por toda o Imperio Romano. Um dia, tentando salvar uma crianca que ia ser destrocada pelas rodas de uma carruagem, o velho morreu e foi conduzido à presenca do Senhor.

"Voce foi um homem bom,"o Senhor lhe disse " e o Paraíso é seu. Pode pedir o que quiser, o que lhe fizer feliz, que eu lhe concederei."

"Eu sempre fui um homem feliz", disse o velho " e nada mais quero para mim. Mas eu tinha um filho poeta, e o oraculo me disse que as palavras de meu filho iriam ser repetidas até o final dos tempos. Se o Senhor quer me conceder alguma graca, que me deixe ver o futuro, e que ele me mostre as palavras de meu filho querido."

Um anjo então pegou o velho pelas mãos e o conduziu até um estranho ~~lugar~~ edifício com vigas, onde milhares de pessoasestavam ajoelhadas em oracão . Na frente de todas elas alguém celebrava um ritual religioso , e de repente todos disseram em uníssono:

- Senhor , eu não sou digno que entreis em minha casa, mas dizei uma só palavra e meu servo será curado."

O porto na epoca: Bebados e eternas partidas. Vida Night watch quando ele fala do porto.

Chris olhou os navios parados no porto, e procurou forca r sua imaginacao e voltar ao século dezessete, quando a Armada Holandesa era invencivel e seus capitaes lutavam contra ingleses franceses e espanhois ao mesmo tempo. Ali, nauqle mesmo lugar, historias de heroismo tinham sido escritas e mulheres tinham visto pela ultima vezx seus homens partirem para a morte. Mas por mais que se esf orcasse, não conseguiu ver as bandeiras, as caravelas, não conseguiu escutar outro som além do vento que soprava por todos os cantos. O vento que tinha feito de Amsterdam o ~~porto~~ ideal para as caravelas que ela agora não conseguia ver.

Pelo menso naquele instante ela estava contente ~~da~~ por estar sózinha. Pela primeira vez desde que tinham comecado a viajar ~~- quando saiu do Brasil~~ - Chris sentiu como o mundo era grande, e quantas coisas ela poderia fazer porque como dizia o velho ditado hippie, este era o primeiro dia do resto da sua vida. Tinha comecado numa noite, numa noite de frio e vento - provavèlmente daqui a pouco ~~estaria chovendo de novo~~,o céu estrelado cederia lugar a nova chuva de granizo - mas isto não importava. Era bom comecar de novo, ter o resto da vida pela frente sem nenhum dos problemas e das responsabilid des do passado.

Ela lembrou-se que ele tinha falado sobre isto a seis meses atr´s, ~~quando eles dois tinham resolvido dar uma passeio a pé pela cidade em uma noite~~ enquanto olhavam o céu estrelado de uma pequenina cidade ~~da~~ no interior da America do Sul. Era um fim-de-semana ~~e~~ eles tinham ido para as montranhas, e as montanhas deixavam os dois ~~sozinhos com o silencio e com a falta do cheiro de ga~~ com saudades da cidade grande em que viviam, com saudades das pessoas na rua do cheiro de asfalto, dos bares e das noites cheias de fumaca de cigarro e conversas sobre o destino do mundo. Mas ~~eles~~ era ~~precisavam~~ preciso irx para as montanhas pelo menos uma vez por mes ,

Levantou-se, arrumou sua mala, e desceu . Não tinha um centavo no bolso, mas tinha a sua passagem de avião, e sabia que poderia ir embora para o seu país assim que quisesse. Podia tentar vender alguns de seus desenhos nas ruas de Amsterdam , podia arranjar a manhã um emprego de arrumade ira - a unica coisa que não podia fazer era esperarx que ele voltasse, porquezxabèxzque Durantex os últimos seis meses tinha pensado muito neste momento. E tinha estabelecido uma regra para si mesmo: onde quer que a separacão acontecesse, ela ia embora sem dizer adeus. Porque, se falasse alguma coisa,para xlex ele terminaria convencendo-a a ficar.

Já era tarde da noite , mas alguns turistas ainda estavam nas ruas, tentando enganar a si mesmos a respeito do frio que estava fazendo, para que nada diminuisse o valor do imenso dinheiro gasto. Alguns senhor s mexeram com ela, um garoto de quinze anos quis carrsgar sua mala até a estacão, e dois surinameses lhe ofereceram haxixe a um preco razoavel. Masxzdesdezquezdeixxarxxxquxrtexsairaxzxzxx dezBrasilwerxzxelaxdeixarxdezlaxzxz Mas ela estava p reocupada demais com seu próprio futuro para dar atencão a qualquer outra coisa alem de seus pensamentos. No momento em que pisara na rua, todo o romantismo, a tragédia e a comédia do que estava vivendo, tinham cedido lugar a uma única preocupacão: sobrevivencia. E dentre as várias alternativas que se apresentaram chegou a considerar a possibilidade de deixar-se seduzir por um turista rico ou por um holandes bonito, a fim de arranjar acomodacão para quela noite. Mas esta seria sua última escolha; antes disto precisava esgotar todas as possibilidades de encontrar uma solucão por si mesma.

Falando muito de travesseiro.

Os dias melhores tinham vindo e tinham passado - mas como foram bons os dias melhores! Maxxkojexxnadaxdoxquexquisessexfazer podiaxalterar Chris ... olhou novamente a garrafa de vinho vazia, e deixou sua imaginacão passear um pouco pelas centenas, dexxessaas m lhares de pessoas que devem ter dormido naquela mesma cama onde ela agora refletia sobre a sua vida. Os velhos travesseiros devem ter visto muitas lágrimas, e porisso ela decidiux não chorar. A velhice que despecava das paredes desbotadas do quarto lhe deu uma sensacão de conforto - a primeira vez que ela sentia uma sensacão agradável naquele dia que parècia náo terminar nunca. Sabia que não era a primeira pessoa a estar sofrendo assim, e que pelaxmenos outras mulheres deviam ter derramado naqueles travesseiros lágrimas que ela agora tentava evitar. Sabiax que as historias de amor sempre chegamxaoxfinalxumxdia chegavam ao final, e sexaxpessoazfalhazemx e que era preciso muito discerni ento e muita coragem para acabar uma historia de amor quando ela termina; a maior parte das pessoas continua vivendo o passado no futuro, porque tem medo de perder o que já está irremediavelmentep perdido.

Por causa disto , por causa das mulheres que já tinham chorado naquela cama, por causa de todas as mulheres do mundo - que estão sempre prontas a fazer tudo, ... antesxz que se anulam de amor por seus homens que contam para si mesmo mentiras, que dão adeus na beira do porto e são fiéis enquanto eles estão longe, que c... lutam sózinhas e assustadas no momento do parto, que olham foto rafias desbotadas e esperam a kora todo momento que a campainha toque e que a voz familiar novamente soe dentro de casa , que foram tentadas pela serpente e amaldicoadas por Deus e expulsas do paraíso - ela decidiu que era hora de fazer o que nunca tinha feito antes.

Ela passou então a compreender que aquela obra monumental jamais poderx seira escrita - porque no dia que ele pegasse a maquina de escrever para dactilografar a primeira linha, ele precisava sentir-se suficientemente forte como Deus deve ter se sentido no Pri eiro dia da Criação. Mas ele não era Deus, e por mais inteligente, sagaz e brilhante que fosse, jamais conseguiria abracar de uma vez só todas as correntes contraditorias que jogav m de um lado para o outro o mundo em que viviam. Os suicidios e as tempestades, as novas armas e os velhos livros de fazer amor, os homens morrendo de fome, as mulheres nuas, as criancas famintas, as aventuras de amor inacabadas, as confissões de amor que morriam na garganta, os assassinatos, as solteironas solitarias masturbando-se com seus ga tos e cachorros, os pombos fazendo amor e a natureza ameacada de extincao, as baleias cravada de arpões, as florestas intransponigeis de antesnas de televisao, a solidão do dia e a solidão da noite, os hippies, os punks, os militares, o sol, a chuva, as quatro estacoes do ano, os torturados, os desaparecidos , os inocentes e os culpados , os artistas que morriam de tuberculose e de culpa, os naufrágios,os desastres, as hecatombes. Não, era impossivel. Assim como as Nacoes Unidas não representavam o mundo, nehuma obra de arte - por melhor que fosse - poderia sintetizar o homem.

E ~~no dia em que~~ Quando ele chegou e lhe disse que iam largar tudo para viajar, para que ele conseguisse encontrar um lugar onde escrever o livro,ela acreditava que o livro jamais seria escrito, A que partir de agora que ele teria todo o tempo do mundo para culpar a si próprio por não estar diante da máquina, e a vida em comum iria se transformar num inferno. Mas mesmo a ssim ela arrumou suas malas e partiu junto com ele, para, seis meses depois, estar sózinha e rejeitada num sötao frio em Amsterdam.
- a eterna ausencia.

Enquanto ela ia esperando diante dos olhos,

E não podia entender porque era tão importante escrever um livro, se ele estava escrevendo coisas com muito maior poder de penetracão - programas de tv, artigos de jornais, músicas. Se ele tinha largado tudo tres vezes - sem t r conseguido escrever o livro - uma quarta vez também não iria dar resultado. Para ela, aquilo não passava de uma tentaviva de se comportar como adolescente num mundo que tinha mudado e agora era um mundo adulto. Ela usou uma arma que só as mulheres possuem, e só as mulheres sabem como usar - intuicão-, e pressentiu que nã apenas a felicidade dela - mas a dela propria - dependia do maldito livro que estava para ser escrito.

Apesar de ser capaz de trabalhar até tarde da noite, e gastar dias inteiros de pesquisa para completar um artigo de revista de terceira categoria, ele nunca conseguia encontrar tempo para sentar-se e dactilografar pelo menos uma página de idéias a serem desenvolvidas. Volta e meia, numa festa, [illegible] ele era capaz de manter a atencão de todos os co vidados, enquanto discorria brilhantemente sobre algum acontecimento que os dois tinham vividos juntos, e que e no qual ela nao tinha percebido nada especial. - até quvi-lo falar a respeito. Durante o primeiro ano que tinham estados juntos, Chris já o presenciara escrever e descrever verbalmente várias romances que seria capaz de venderem mais que a Biblia, mas ele em momento algum setara-se e colocara as idéias no papel.

Uma vez ela sugeriu carregar um gravador escondido na bolsa, e ligar toda vez que ele comecasse a contar suas histórias - mas ele lhe dissera que esquecesse aquilo, que seu romance não era a enas sobre um acontecimento perdido no tempo e no espaco. Seu romance era a historia da Raca Humana e a Saga da sua geracão, e depois que ele se sentasse para escrever nada mais poderia ser dito durante dez anos. Ele queria esgotar todos os assuntos, dissecar todos os sentimentos, viver todas as emocoes de seu tempo nas paginas de seu livro.

artistas. E entretanto tudo que ela podia ver e sentir de Amsterdam eram os telhados das casas, as antenas de televisão, e um relógio lá no fundo dizendo que era tarde demais para divertir-se aquela noite.

No comeco, nos dias em que ela acreditava no amor dele, tudo tinha sido diferente. Ele lhe pedira para largar a faculdade de Arquitetura, de modo que pudessem passar juntos as vinte e quatro horas do dia. Nesta altura ele trabalhava em casa, escrevendo pro-
e artigos sobre música
gramas de televisão, e não tinha sido dificil ser feliz. Ele sempre lhe falava que ia escrever um livro, e que ela seria sua personagem principal - uma mulher completa. Faziam amor várias vezes por dia, cuidavam do pequeno jardim que tinham conseguido criar na área de servico do apartamento, e ele tinha convencido dois de seus chefes a ilustrar suas materias com os desenhos dela. Eles eram felizes, mesmo sem ter consciencia da felicidade que os cercava. De vez em quando ele lhe falava em largar tudo e ir para um lugar bem longe, onde não conhecessem ninguém, para escrever um livro. Chris sonhava com um sótão bonito, em qualquer pequena ciade europeia, onde eles tomariam vinho frances juntos enqua to ele trabalhava em sua obra. Mas no momento ele estava bem colocado profissionalmente, os dois ganhavam um certo dinheiro, e talvez fosse bom esperar mais algum tempo, até que a situação piorasse um pouco. Ou, quem sabe, ele podia escrever o livro ali mesmo, entre as plantas da área de servico e as juras de amor que se repetiam a cada minuto.

Um dia ele lhe contou que por tres vezes já tinha largado tudo em sua vida - emprego, amigos, dinheiro, mulher - e por tres vezes tinha falhado em escrever o que queria. Ela não convivia com ele há muito tempo, mas era inteligente o bastante para perceber que uma nova ocasião semelhante estava se aproximando. Ele começou a reclamar do excelente trabalho que tinha, e falava toda hora que precisva voltar ao caminho que tinha escolhido para si mesmo, o caminho da literatura.

"Mas voce está escrevendo programas de televisão, voce está escrevendo artigos para os jornais. Voce está escrevendo música.

não ~~havia~~ qualquer grande cena de ciume ou qualquer ~~sentimento de posse~~. ~~Tanto um quanto o outro~~ podiam ser muito mais felizes se ~~tivessem coragem de ir para o seu lado~~, mas até agora nenhum dos dois tinha sequer sugerido isto. Ele apenas sempre fizera questão de deixar claro que nenhum casamento é eterno, e que ~~um dia~~ ~~ia amanhecer sem ver os dois juntos~~.

"Mas não vejo qualquer interesse em acelerar este processo", ele lhe dissera uerta vez, e Chris achara sua linguagem muito comercial demais para falar de coisas de amor. " Pode ter certeza de que nosso instinto é sábio, e nós não somos como as outras pessoas, os seres humanos comuns. Para nós não é dificil nem doloroso mudar, comecar algo novo, acabar algo antigo".

"E quem vai tomar esta decisão" ~~Chris~~ perguntara.

"Quem sentir a necessidade."

"~~Quanto ao~~ outro, ~~que podeia ainda estar apaixonado...~~"

"Sobreviverá. Com todas as honras e medalhas de uma separacão dolorosa".

Desde que tinham conversado a respeito da separacao, Chris sempre tivera a certeza de que era ela quem ia sofrer, que ia carregar as honras e medalhas que marcam ~~a face de~~ todos que vivem um amor não correspondido. Mas hoje, no sótão frio do Hotel Brouwer, ela sentia pela primeira vez que podia mudar a ordem das coisas. Porque já estava farta.

Sua indignacão cresceu ~~ao ver~~ que ele ~~tinha acabado com~~ a garrafa de vinho. E não havia um centavo sequer para que pudesse ir até o Egipcio e tomar alguma coisa, porque ele sempre guardava o dinheiro no bolso, um dinheiro que ela lutava para economizar e que agora provalvelmente estaria sendo gasto no Kosmos com alguém que não precisava dormir em sótãos frios ou subir e descer escadas com bandejas de café. ~~Ela estava~~ sentia, ~~além disso~~, ela estava com fome e com sede - mas sobretudo estava com vontade de sentar ao lado dele no Kosmos, conversar com as pessoas, ouvir histórias de heróis e

A infinita - e l uvável - paciencia de Chris no papel de "mulher do escritor" tinha durado apenas enqua to ela esperava que as pípulas para dormir fizessem efeito. Meia hora depois, tendo remexido tudo que o antigo hóspede deixara, e percebendo que teria de tomar a caixa inteira de comprimidos para poder vencer o frio e conciliar o sono, ela viu que não podia aguentar mais . E imediatamente comecou a considerar o que fazer.

A primeira coisa que pensou foi vestir o casacox e ir até o Kosmos, onde sabhia que ele estava. Mas lembrou-se que já tinha feito isto muitas vezes, xxqmexwmxxárixsxeexsiõesxenxentrax rasezeoxverxsandezeomzeuxtrazxulherx já o tinha cacado feito louca por xarixs muitas ruas de muitas cidades, fora responsavel por muitos escândalos publicos, e nada tinha adiantado. Ele sempre terminava lhe convencendo a aceitar tudo que fazia, porque era um escritor - mes o sem um livro - e os escritores precisam de liberdade e solidão, mas principalmente de liberdade.

Chrixxpexxsexxrexsaixex Os achados do antigo hospede ainda estavam espalhados em ci a da cama, e Chris pensou novamente em como seria bom arranjar outro homem esta noite, alguem que fosse mais parecido com ela. Mas também já tinha feito isto muitas veze s, tinha ido para cama com pessoas que em dez minutos lhe proporcionaram muito mais prazer sexual que elexenzdoisxanosz conseguira obter dele nos dosi anos que estava juntos. Certa noite - eles já estavam viajando - ela lhe contara tudo, mas ele não pareceu - ou figginnão parecer - preocupado com isto. Apenas lhe dissera que doravante eria o mesmo direito. Desde então não haviam mais tocado no assunto, e Chris não sabia até quando aquilo tinha colaborado para afasta-lo ainda mais dela.

E Chris era sul-americana demais para entender porque continuavam casados - se ele queria sair todas as noites sozinho, se raramente faziam amor, e se ele não demonstrava qualquer ciume.

velho demais para encarar qualquer ~~possibilidade~~ problema, ~~xxxxxxxx~~ tomar qualquer atitude. Velho demais , talvez, para fazer todas as viagens que plsnejara fazer a sua vida inteira enquanto escutava as conversas de seus hòspedes na mesa do cafè. "Talvez agora", pensou Gerald Brouwer enquanto ~~a sexta feira da paixao~~ a sexta feira da paixão se transformava em sàbado de aleluia, "sim, talvez agora eu esteja com a idade certa para cuidar de um hotel com mais de 3oo anos."

A infinita e louvavel paciencia de Chris no papel de "mulher do escritor" tinha durado apenas ~~xxxxxxxxx~~ enquanto ela esperava que as pilulas para dormir fisessem efeito. Meia hora depois, tendo ~~escarafunchado~~ revirado todo os ~~xx~~ achados do antigo hospede, e vendo que nao ia conseguir dormir facilmente por causa do frio, ela ~~chegou~~ à ~~conclusao~~ conclusão de que sua romantica aventura tinha chegado ao final - antes mesmo de saber se ele era ou nao capaz de escrever um livro. Sua alma era ~~por demais~~ demais sul-americana para permitir que seu hoem saisse sozinho todas as noites - ~~por mais~~ mesmo que ela quisesse se comportar como ~~xxxxxx~~ uma pessoa liberada e evoluida. Ele sempre a incentivara a ~~fazer o mesmo~~ fazer a saìda da noite, a conhecer e conversar com outras pessoas, más ela nao sentia a mesma necessidade que ele. Hoje, porem , ~~ela~~ tinha resolvido sair ~~de noite~~ - de uma vez por todas. Estava com a sua passagem de aviao, podia ir ~~xxxx~~ a qualquer hora para seu pais. Ou podia tentar vender alguns desenhos e ~~continuar~~ em Amsterdam. A unica coisa que nao podia fazer era esperar at-e amanha para tomar qualquer decisao. Porque sabia que ele, ~~com toda a sua sedução, terminaria convencendo-a~~ basicamente para convence-la a ficar. E ela ficaria com ele, porque estava acostumada demais a sempre escolher o caminho mais facil na vida porque era mais comodo e mais pratico, ~~xxxx~~ e viveria infeliz ao seu lado sofrendo todas as noites com suas saidas, ~~sofrendo durante~~ dias inteiros por ter que subir e descer escadas carregando bandejas

Só uma coisa ele nunca tinha feito:
partir sem dizer adeus.

e que queria ir embora. Tinha coisas a dizer, quando
e rumar para qualquer outro lugar onde ninguèm ficasse a lhe lembrando
constantemente a sua pròpria inutilidade.
Fingiu isso, Grey lhe concedia isso e para a cama.

Gerald Brouwer estava quase dormindo quando ouviu novamente ~~xx barulhos xxx~~ de alguèm descendo as escadas. A Pàscoa era sempre um periodo
residentes, para quem sustentam já não oferece nenhuma novidade,
tumultuado, e seus hòspedes - mesmo os ~~mais antigos e mais quietos~~ -
costumavam sair quase todas as noites, em busca de aventuras que nos
procuravam evitar
outros dias ~~normalmente evitavam~~. Mas era sexta-feira, pensou ele, enquanto andava no escuro
até a janela
e daqui ~~a~~ dois dias tudo estaria terminado, a vida do hotel voltaria
os poucos que ficaram ali do tempo em que ficou
ao normal, ~~Brouwer caminhou até a janela, e mais uma vez olhou~~
que estava cheia muito fio para sair de noite,
~~através~~ do espelho retrovisor, Gerald viu a mulher sul-americana sair, ~~carre-~~
com
~~gando~~ uma mala, e ele teve a imediata certeza de que nunca mais iria
aquele
ver o casal ~~sul americano~~ em sua vida. Os dois estavam fugindo do hotel
aquela noite, saindo separados para nao despertarem suspeitas, e dei-
de diarias
xando quase uma senana ~~de hospedagem~~ sem pagar ,. Por alguns instantes,
Brouwer ~~pensou~~ em vestir-se e ir até là fora, ~~exigir~~ mostrar
considerou a possibilidade
que conhecia aquele truque, e exigir o dinheiro pelos cinco dias de
quarto e cafè da manhà. Mas ~~depois pensou que~~ já era muito tarde, ~~que~~ e
qualquer dinheiro que pudesse obter nào iria de maneira nehuma pagar
de custear algum contra com a gerente já
o trabalho ~~que teria~~. Nào poderia ~~chamar~~ a policia - ~~porque~~ estava
se expor
operando ilegalmente o hotel - de modo que teria que ~~contar~~ apenas
com
~~com~~ seu poder de persuasao. E o poder de persuasao de um homem de
sessenta anos è infinitamente menor do que a rapidez dos pes de
Gerald, escolhendo
uma mulher jovem - mesmo carregando uma mala. ~~de modo que Brouwer~~
entre o perigo e a dívida,
resolveu voltar para cama e dormir. Durante o resto da noite ele ou-
viu ruidos de gente entrando e gente saindo reparou que pelo me os duas
vozes femininas nao coincidiam com as vozes de mulheres registradas
~~xxxxxxxxx~~rem seu livro, escutou alguèm bebado tropecar e cair um
lá
lance inteiro da escada, testemunhou uma discussao entre dois hospedes
em
por causa de barulho de um radio, ~~em~~ todas estas ocasioes ele es-
teve a ponto de levantar-se e interferir, mas em nenhuma delas chegou
a realizar seu intento. Estava se sentindo de repente muito velho,

confiança dele. Entretanto ela jamais se perdoaria se ele viesse a desconfiar que estava mais interessada nas suas informacoes que na sua amizade. Por causa disto resolvera falar novamente do livro, sabendo que havia tempo suficiente para arrancar dele tudo que quisesse saber.

"Meu personagem se suicida no final", disse ele, tentando desesperadamente mudar de assunto. "O Kosmos hoje está vazio, nao è? Porque será?"

Joey olhou em volta. A sala estava repleta, mas ela concordou. "È, está vazio. Talvez seja por causa da proximiade dos feriados".

Os feriados costumam tradicionalmente encher os bares da semana santa só iam acontecer daqui hà uma semana, ele pensou, e nào conseguiu achar nenhuma correlacao entre uma coisa e outra. Mas estava alegre por ter conseguido mudar de assunto, e resolveu prosseguir coma conversa.

"È provavel. Voce quer beber alguma coisa?"

Ela tinha acabado de beber, mas seria pouco polido se recusasse. "Um chà, - eu mesmo mas deixa que eu pego. Quer que eu traga um para voce tambèm?"

Ele preferia cafè, mas ela poderia pensar que ele nao tinha atingido a iluminacao necessaria, para saber a diferenca entre um estimulante como a cafeina e as virtudes mentalmente sensorial espirituais de um chà .

"Peca para mim um de flor de laranjeira", ele disse, escolhendo o mais sofisticado e o menos saboroso ao seu paladar. Joey levantou-se e foi pegar as bebidas, torcendo para que ele nào voltasse a falar do livro - mesmo sabendo que apesar de saber que, sempre que a conversa fosse morrendo, em hora de ela devia voltar ao assunto demonstrando o mais completo interesse.

Enquanto Joey estava longe, ele olhou em volta sem reparar muito nas pessoas, apenas torcendo para que Joey nào tornasse a lhe perguntar nada a respeito do livro. Tinha que descobrir algum assunto bem longo interessante o suficiente para fazer com que ela se esquecesse do que ele fazia. No momento que fosse quando sentisse que era impossivel evitar qualquer pergunta, simplesmente ele ia se levantar, dizer que estava com sono,

Tinham se passado um mes e dois dias quando a prefeitura de Amsterdam decidiu finalmente voltar atràs. xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx acontecaram
xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx Neste periodo, ocorreram 482 assaltos diretamente relacionados ao esforco do viciado para conseguir dinheiro foram comprovadamente ligados à tentativa de conseguir dinheiro para a drogax - um numero 385% àcima das ocorrencias normaisx da cidade. Dezoito viciados haviam morrido e 35 estavam condenados a passar o resto de suas vidas no hospital por causa dos efeitos colateràis da "base". Quando tudo isto aconteceu, A esta altura Joey tinha 25 anos, estava de partida para o Afgnistào, e jamais tinha considerado por um momento a possibilidade de experimentar heroìna.

"Se voce està escrevendo uma història de amor, porque quis saber qual è a sensacao de um tiro na cabeca?"
Joey nao queria conversar sobre literatura - na verdade, aquele assunto qualquer assunto relacionado a trabalho lhe entediava dava um imenso tédio profundamente. Mas ela sabia como os intelecuais gostam de falar de si mesmos, de seus projetos, das fòrmulas que sempre descobrem para salvar o mundo da caos destruição e da injustica. Por causa disto resolveu voltar ao tema, apenas para evitar que ele fosse embora antes que ela soubesse mais coisas a respeito de onde ele tinha vindo.
Viagens eram o tema preferido de Joey - e ela sempre dava um jeito de juntar algum dinheiro e de partir para algum lugar pelo menos uma vez por ano. Mas jamais tinha estado na América do Sul, e talvez aquele contacto com ele viesse a ser muito importante. Poderia conseguir alguns enderecos, poderia ter valiosas informacoes a respeito do que ver e do que fazer , xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx quem sabe ele talvez soubesse de algum emprego para ela em seu paìs.
~~Entretanto, era difìcil abordar o assunto sem antes conquistar~~ a

explique melhor que não existe PUB, nos restaurante que não serve bebida OK?

aaaaaaaaaaaaa

aa

taurante e pedir apenas uma bebida, porque o restaurante só está autorizado a vender bebida com comida.

"O índice de alcoolismo lá está cada vez maior."

~~Mxsxelexnãoxouvizxoxque^Joeyxestxvxafalandoxx~~

~~Joeyxrepetiouxquexelexnãoxestavaxprestandoxatenxãoxnoxquexelexdizia~~

Ele, porém, não conseguia ouvir o que ela estava dizendo. Sua mente estava longe, descansada relaxando no nirvana daqueles que acabaram de atravessar situacoes perigosas. O Kosmos estava de novo dian e dele e era um bom clube mesmo com seus 4 dolares de ingresso, e Joey era uma excelente companhia, e daqui a pouco ele iria sair e passear pela terceira vez naquele dia pelos canais ~~de Amsterdam, e~~ porque ele já não precisava mais abandonar Amsterdam. Até que ~~ele~~ (Ficou alguns minutos relaxando, o primeiro relax daquele dia,) sentir que alguém lhe perguntava, lá no fundo, alguma coisa. Era Joey.

"Se ~~o livro é sobre~~ você está escrevendo uma história de amor, porque ~~voce~~ quis saber qual a sensacão de um tiro na cabeca?"

só se lembrara que tinha descoberto alguma coisa
Ele não conseguiu lembrar nenhum assunto além do que discutira com Chris aquela manhã, e talvez não houvesse mais assunto nenhum no mundo, tudo já estava escrito e republicado, tudo já tinha sido dito e explorado em todos os angulos até o infinito, e ele estava destinados mesmo a repetir os passos de quem caminhara antes dele. Então, reunindo todas as suas forças para ter coragem de falar, tentando controlar-se ao máximo para não dar a impressão de que sentia ridículo, ele respondeu a Joey:
"Eu estou escrevendo uma história de amor."

Por alguns momentos ele ficou esperando a gargalhada final de Joey, o desfecho trágico para aquele dia. Ele podia rir mas não importava, pensou , porque a armada britanica estava singrando o atlantico para uma grande batalha naval, [illegible] milhares de iranianos estavam morrendo na guerra com o Iraque, os jornais estavam cheios de guerrilheiros com cabecas cortadas em El Salvador. E diante de tanta coisa acontecendo, de tanta excitação sacudindo o mundo, Joey poderia rir a vontade porque ele não ligava nem um pouco. Haviam outras coisas muito mais interessantes que Joey, que o Kosmos, que Amsterdam com todo seu cosmopolitismo e com a beleza de seus canais. As luzes do salão de café piscaram e ele achou que era seu coração, que ele estava pronto para ter um ataque cardíaco.

Mas Joey não riu, nem demonstrou um interesse maior ou menor do que demonstrara quando viera até ele. Disse apenas "Ah, e?" e começou a falar de como os suecos não podem entrar no res-

vão para a cama mais fácilmente com escritores do que com bancários, e resolveu continuar representando o seu papel. o ~~papel que delineara uma semana antes, quando fora ao Kosmos pela primeira vez.~~

"Está ~~bem~~ indo. mas ainda falta alguma pesquisa, e falar demore um pouco.

"Sobre o que que ~~é o livro?~~" você está escrevendo?"

Oh, Joey, o que sei eu? Será que você não entende que este é meu grande problema? Pare eu não posso responder agora, em 1 segundo, algo que ando buscando há tanto tempo?

~~Pronto! Este era o grande problema e ele não conseguia imaginar, em algumas fracões de segundo, uma resposta que andava procurando há tanto tempo.~~

"Não gosto de falar de uma coisa antes de te-la ~~terminado~~ acabado de um livro. Superstição." Mas Joey não tinha vindo da America do Sul, não podia compreender o que era aquilo, e olhou para ele como se soubesse que ele estava mentindo. Ele sentiu o olhar de Joey, e entendeu

Era agora ou nunca; ou ele falava algo a respeito do livro, ou ~~teria~~ estava tudo perdido ~~a amizade de Joey~~ para sempre. Ela lhe contara a respeito do tiro na cabeca, ela colaborara para o seu livro, ela tinha o direito de saber alguma coisa. Se ela não soubesse, em pouco tempo todo o Kosmos saberia que ele estava mentindo, que ele não era escritor coisa nenhuma.

~~Então ele resolveu arriscar, e buscou no fundo de sua alma qualquer esposta, mas só conseguiu lembrar do assunto que Chris lhe havia sugerido algumas horas atrás. Porque fora disso não havia mais assunto nenhum, tudo já estava escrito e publicado, tudo já tinha sido dito, feito e explorado até o infinito.~~

~~e durante fracões de segundo ele achou que teria que ir embora do Kosmos, de Amsterdam.~~

~~"Uma história de amor."~~

Por causa disto

~~Então~~ ele resolveu arriscar, e buscou e cavou no fundo da sua alma para ver se achava alguma coisa, para dizer a ela, e durante fracoes de segundo ele teve certeza de que jamais poderia pisar no Kosmos novamente, e que teria que ir embora de Amsterdam, e que Joey ia rir na sua cara, mas ele não conseguia pensar noutra boa resposta, ~~ele só tinha discutido um assunto naquele dia, e seu cerebro estava trabalhando devagar poque falava numa~~

Saída do Kosmos: aparece o personagem falando de política: Manifestações contra El Salvador e Uruguay. 81

Ele ~~foi até o Kosmos~~ pagou os 4 dolares que o Kosmos cobrava para permitir que seus associados tomassem café em suas dependencias. Já era tarde, porvavelmente ~~doas~~ todas as pessoas já ~~estariam com seus~~ teriam encontrado pares, ma ~~s mesmo assim valia a pena~~ não custava nada arriscar. Melhor do que ficar em casa sofrendo por~~rque a~~ causa da máquina de escrever, ~~está ali,~~ por causa dos papéis ~~estão ali~~ em branco, por causa e falta a vontadé de sentar-se e escrever um livro. Talvez nem tanto ~~a~~ falta de vontade, ~~talvez o que faltasse mesmo fosse um assunto~~ senão a falta de um bom assunto ~~que justificasse o trabalho, mesmo sem ter um editor à vista~~ que poderia muito bem vir a ser publicado. A lista de seus pecados capitais tinha sido importante , mas não era a primeira vez que analisava os motivos de sua inatividade; ~~muito pelo contrário~~, se ~~fosse~~ fôsse reunir tudo que escrevera a respeito de sua dificuldade em escrever, talvez desse para publicar um livro com um razoável número de páginas.

Conhecia meia-duzia de pssoas ~~no Kosmos~~ que frequentavam o lugar, e ~~uma delas~~, Joey, estava na sala de chá quando ele entrou. O Kosmos era um dos poucos clubes remanescentes da época hippie, e suas paredes desenhadas com simbolos indianos, sua biblioteca de astrologia, suas salas de meditacão transcendental, devem ter tido algum efeito mágico positivo, porque alí não se sentia o mesmo clima de decadencia tão comum em lugares que tentam preservar o passado.

"Então, como vai o livro?", peguntou Joey, e ele blasfemou a sim mesmo por não conseguir manter ~~seus planos~~ nada em segredo, ~~e porisso ter que dar sempre satisfações sobre o que estava fazendo~~. Por outro lado, sabia que um escritor é sempre respeitado em qualquer parte do mundo, que as mulheres

Gerald reparou que a mulher não tinha saído com o homem, o que significava dizer que ela ainda estava no quarto. Ela ~~xãoxfalava inglesxmas~~ era bonita e tinha um olhar expressivo. Tinha-a visto desenhando o lobby do hotel, e gostara de seu desenho. De vez em quando ela tentava conversar com ele - ele jamais iniciava um conversa com qualquer hospede, respeitando a privacidade alheia - mas ~~ela~~ como só sabia algumas poucas palavras em ingles, ~~de modo~~ a que a tentativa de comunicação ~~terminava morrendo~~ sempre acabava depois de uns poucos gestos desesperados.

~~Sabia que~~ Os dois estavam no mesmo quarto, mas Gerald não sabia se eram casados, ~~já que~~ Ele ~~costumava frequentemente sair~~ saía de noite sózinho, e nenhuma mulher podia ~~permitiria~~ isto de seu marido - principalmente em Amsterdam . Gerald percebeu que já estava especulando demais a respeito de ~~seus~~ inquilinos (que pagavam bem e não lhe davam trabalho)(1), ~~e resolveu voltar para o quarto e preparar-se para dormir.~~ Lá fora, um outro barco de turistas (estavam juntando em pequenos grupos, à luz de vela, e de repente) cruzou o canal Singel. As pessoas todas olharam ~~paraxoxBrouwerxHotel xnãoxpareciazquexestavazsendoxvistozatrászdoxespelhoxretrovisorz exnãoxpodiaxserxvisto~~ em sua direcão, mas ele sabia que estava atrás do espelho retrovisor, e não podia ser visto. Ele sabia que o que tinha feito aquelas cabecas todas se virarem simultaneamente era o Brouwer Hotel, que o guia estava apontando como "o mais antigo hotel de Amsterdam".

E isto não lhe despertou o menor orgulho .

(1) Esta era a única relação que queria ter com os seus hóspedes. Se ele terminasse se apegando a alguns deles, iria sofrer inutilmente, já que hóspedes chegam e partem, e se esquecem do hotel até a próxima estação, quando telefonam para reservar um quarto. Gerald olhou o céu para ver se estava estrelado, e

viver até que a prefeitura descobrisse que ele estava operando ilegalmente. Quando chegasse este dia, o governo iria lacrar o prédio, e tudo seria colocado em leilão. Sim, quando chegasse este dia a sua irmã seria forcada a verder a parte dela, e ele iria fazer finalmente as viagens com que sonhara em seus sessenta anos de vida, enquanto ouvia os turistas comentando nas mesas do refeitorio a respeito de seus países natais. Ah, quando chegasse este dia, o dinheiro da venda do prédio e das pecas de museu seria suficiente para fa zer com que ele se hospedasse nos melhores hoteis do mundo, e exigisse de volta todos os servicos que outraspessoas lhe haviam exigido durante todos estes anos.

Gerald ouviu alguém descendo as escadas, e foi até a janela, onde tinha adaptado um espelho para poder ver quem entrava e quem saia pela única porta. A ideia de adaptar um espelho retrovisor na janela tinha sido originalmente concebida pelas prostitutas de Amsterdam, que desta maneira tinham uma visão ampla da rua inteira, sem necessidade de se moverem de dentro de suas vitrines. Aos poucos o costume para o estudio se estendera pelo resto da cidade, e hoje era rara uma casa cuja janela não tivesse um espelho estratégicamente apontado para a porta, e por onde o dono podia olhar sem ser visto.

Gerald viu o homem sul-americano - tinha se esquecido de que país ele vinha - fechar cuidadosamente a porta e sair. Não podia entender poque eles tinham pedido para mudar de quarto, se isto significava subir mais alguns lances de escada. Mas atendera-os sem fa zer qualquer pergunta, porque eles pagavam direito o aluguel, e já estavam ali há algum tempo. Quando mais tempo alguém ficasse no hotel, menos trabalho ele tinha, já que a roupa de cama seria mudada semanalmente, ao invés de diáriamente.

Gerald
Mrx Brouwer ficava sempre surpreso com as ~~qualidades que~~ elogios e agradecimentos de seus ~~hóspedes sem r terminavam encontra ndo no hotel~~, já que ele próprio sabia das péssimas condicões do prédio; um único banheiro com um filete d'água escorrendo, toaletes sem qualquer ventilacäó, escadas com degraus altíssimos, e centenas de frestas que tornavam inúteis quaisquer ~~xxxxxxxx~~ sistemas de calefacão. Mesmo assim os seus hóspedes continuavam ~~elogiando~~ comentando a "autentica atmosfera holandesa" d~~as suas~~ instalacës, onde ladrinhos pintados a mão em 1700 se misturavam com relógios que seriam "pecas de resistenca" em ~~bem aceitos por~~ qualquer museu.

Há cerca de tres anos atrás, o Corpo de Bombeiros de Amsterdam tinha finalmente negado ao Brouwer's a licenca de funcionalmento, e Gerald vislumbrara pela primeira vez na sua vida a possibilidade de libertar-se de um trabalho que ~~sempre fez a contragosto~~ odiava. ~~Mxx~~ Pensou em vender ~~xxprxdxx~~ tudo para o governo, mas sua irmã - dona de metade d o prédio e de seu conteúdo - negara autorizacão. Gerald mais uma vez blasfemou contra seu pai, que lhe empurrara naquele negócio para manter a "tradicão familiar" , e voltou a servir o breakfast na parte da manhã, arrumar os quartos na parte da tarde, e sentar-se por trás do pequeno balcão que servia de bar até às oito horas da noite, esperando que algum turista entrasse para lhe dizer , sádicamente, que ~~txxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ o hotel estava cheio.

O que, aliás, era quase sempre verdade, ~~e meia verdade~~, ~~porque metade~~ mais de cinquenta por cento dos pequenos cúbiculos que as pessoas chamavam de "quartos" estavam inabitáveis, ~~simplesmente porque~~ Gerald se recusava a consertar as janelas quebradas, as pias vazando, os colchões destruidos por quase cem anos ~~xxxxx~~ consecutivos de uso. Assim era obrigado a tolerar um mínimo possível de hóspedes, que lhe permitiam sobre-

Ela o amava muito, mas se ele não conseguisse escrever o livro, iria descarregar toda a agressivida e em cima dela, como os homens fazem com as mulheres quando não conseguem alguma coisa. E para ela, a aventura romantica estaria terminada. ~~Øxqxexnão axximpediazdexliexrxcontentazexmtantazxxxixxxexxx~~ Iria em busca de outro homem, alguém que fosse parecido com o antigo inquilino do quarto - que lesse os mesmos livros, que compartilhasse dos mesmos angulos de pintura. Não, nada de aguentar agressões por causa de fracassos.

Amanhã, assim que descesse para tomar café, iria perguntar a Mr. Brouwer como era o ex-inquilino. E confiava suficiente no seu charme para fazer a tradicional discrecão holandesa diluir-se diante da inocencia sul-americana.

desenvolver
mais a parte da
agressividade por
não conseguir escrever
o livro, ir atrás etc etc ...

Chris gostava muito de si mesma, apesa r de conhecer a fundo suas próprias fraquesas. Sabia que ele ~~xxxxxxxxxx~~ não estava tão irritado assim, que ~~xx~~ tinha saido porque estava com vontade de ficar sózinho. Mas que tinha medo de pedir permissão , porque tinha medo que ela dissesse "Não", e aí teria que fica r em casa mesmo com vontade de sair, porque tinha medo dela, tinha muito medo dela como todo homem tem medo da própria mulher. Ela também tinha medo dele, mas seguramente poderia ir muito mais além - porque era do sexo fminino, e portanto dotada de uma coragem suicida (lembrou-se da conversa sobre as sensacões de morte e das duas piluas que tinha acabado de tomar, mas não viu nenhuma relacao entre uma coisa e outra). Ela ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ o amava muito, mas sabia que não ia ama-lo para o resto da vida. No momento estava vivendo uma grande aventura, ~~xxxxxxxxxxxxxxx~~ esta a deixando correr sem freios o seu lado romantico, estava representando no seu mundo de fantasias (e quem ~~x~~ não tem este mundo?) o papel de amulher de um escritor! Isto lhe dava quase a mesma sensacão de ter um filho - só que ao inverso. ~~Ele estava grávido, e ela estava lhe dando a segurance e a protecao que um pai dá a uma mãe~~ (lembrou-se também que a ideia de gravidez de livros tinha sido escrita por Henry Miller, e foi a única coisa interessante que ela achou em "Tropico do Cancer" antes de abandonar a leitura). Como ele estava grávido de um livro, alguém precisava ser o pai, e ela era o pai. Ela lhe dava protecão, carinho, apoio, e satisfazia seus "desejos", para que o livro não nascesse com alguma deficiencia física. Ela precisava do sucesso tanto quanto ele, mas para ela era mais fácil, assim como para um pai é sempre mais fácil encarar a possibilidad de ter um filho que uma mãe. Caso algo saisse errado - sua intuicão no momento era incapaz de antecipar qualquer desenlace, mas sers sempre bom pensar nas duas possibilidades - caso algo saisse errado ele seria um escritor frustrado, mas ela não seria " a mulher do escritor frustrado! Ela partiria para uma nova aventura. ~~Não que~~

xer sozinha no "tesouro" deixado pelo antigo hópsede - e que incluia, para sua surpresa, um caderno de desenhos com sketchs do Hotel Brouwer.

"Engracado", pensou."Eu teria feito os desenhos nestes mesmos angulos". Era gostoso estarx um pouco sózinha , depois de haver passado o dia inteiro para cima e para baixo - literalmente - com bandejas de café e palavras de encorajamento. Mas prudente agora Talvez fosse xxx tomar/uns dois comprimidos para dormir, porque sabia que dentro de pouco tempo a alegria de estar sózinha seria subistuuda pela angústia de se sentir abandonada.

Foi até a caixa onde guardavam as preciosas pílulas - devidamente contrabandeadasx de seu país, já que na Europa só conseguiriam coisa semelhante com receita médica - e tomou duas.Depois sentou-se na cama e comecou a remexer nos achados. Não eram apenas os ângulos dos desenhos que xxxixxcxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx identificava o antigo inquilino com Chris. Ela reparou que os livros tinham muito a ver com seu gosto pessoal - alguns já tinha lido, outros tinha pensado em comprar, e apenas xxxxxx uns poucos jamais tinha ouvido qualquer referencia. Além dos livros havia um xxxxxx caderno bem antigo com recortes de fotos de navio publicadas em jornais, e uma série de agendas escritas em holandes.

Ela também gostava de navios, apesar de não estar acompanhando de perto os preparattvos para a batalha naval entre Argentina e Inglaterra. E ela daria tudo naquele instante para conhecer o dono daquelas coisas. Deiva ser algu=em muito parecido com ela, provavelmente muito mais velho, mas mesmo assim bastante parecido. Talvez ela pudesse aprender com esta pessoa algumas licões de vida, talvez esta pessoa pudesse lhe dizer como se comportar diante dos problemas que agora enfrentavax.

Pdia lar pouco tem muito pouco e pouco e que su x vice e inteligente

"Vou sair. Vou até o clube."

"Mas voce tinha desistido! Voce disse que era preciso voltar para casa para escrever!"

"Mas é impossível escrever com um frio desses."

"Foi voce que quis mudar de quarto.~~dX~~

"O que é que é? Voce está sempre me culpando de tudo? Que é que voce quer que eu faça, que eu ~~viva sendo~~ seja coerente?"~~SexxcoerenZa éxsexxobrigadoxaxpensarxamanhãxoxquexeuxestavaxpensandoxontemxx~~

Coerencia. Que uma palavra maldita para ele. Sentia-se tolhido, castrado, afogado pela necessidade que os seres humanos tinham de serem coerentes. Será que todo mundo era obrigado a pensar amanhã o que estava pensando ontem? O máximo de coerencia que se permitia era usar a gravata combinando com a meia; além disso, era pedir de mais.

Aproveitou a discussão com Chris para sair sózinho. O velho truque machista ~~de fingir que está saindo porque está irritado, quando na verdade estava louco para sair sózinho.~~ Bateu a porta sem dizer mais nada. ~~Disse que estava precisando ver algu=em diferente, que tinha passado o dia inteiro com ela e que não aguentava mais, e saiu.~~

Chris sabia que aquilo era uma desculpa apenas. Que era o velho truque machista de fingir que está saindo para evitar fazer qualquer loucura, quando na verdade estava louco de vontade de sair sózinho.

Depois que ele bateu a porta, ela foi remexer a porta.

Rápidamente resolveu fazer junto com Chris uma lista de seus pecados sete pecados capitais no que se referia à literatura. Tinham que ser sete, porque seria um número completo. O frio do quarto estava se tornando insuportável, e eles já tinham enviado as roupas de inverno de volta para o país, acreditando que na primavera jamais faria um tempo como estava fazendo. Ele instruiu Chris para vedar todas as frestas com jornais velhos. Ele vivia "instruindo" Chris a respeito de tudo: como falar ingles, como entender determinado acontecimento histórico, como desenhar. Para ele era um suplício estar sentre ensinando coisas; para ela era um suplício ainda maior cumprir as "instrucões" dele. Finalmente, depois de encherem algumas rachaduras na parede, e desistirem porque existiam mais frestas que folhas de jornais, os dois se sentaram juntos na cama e ele relacionou sete razões de sua incopetencia literaria: Terminada a lista, ~~ele resolveu sentar e~~ sentou-se para escrever um pouco, terminar o dia com pelo me os seis páginas aproveitáveis, e seu complexo de culpa mas a descoberta de um armário cheio de livros terminou retirando de vez qualquer necessidade ou vontade ou obrigacão de escrever. Durante um certo tempo eles fucaram os achados - na certa esquecidos propositadamente ali por algum hóspede consciente do que significa carregar re tos de cultura quando se está descobrindo um novo mundo e o preço do excesso de bagagem.

Ele perguntou xxx porque ela tinha feito aquilo, ela perguntou se ele tinha lido o bilhete , e desde então, nunca mais falaram sobre o assunto.

Quando voltaram para o hotel, ele pediu a Mr. Brouwer que os colocasse no sótão: lembrava-se da idéia de Pierre Menard lutando contra os mouros, e sabia que vários artistas haviam escrito em sótãos as suas grandes obras-primas.

Depois de instalados no novo apartamento - Mr. Brouwer fazia todas as suas vontades e aceitava grandes atrasos nos aluguéis, porque um dia ele dissera que iria imortalizar o hotel nas páginas de seu livro - ele pensou em escrever um pouco. Mas já passavam das dez horas da noite, era preciso fazer a digestão. Chris estava assustadíssima com a idéia de que ia precisar subir mais quatro lances de escada caso ele tivesse outra crise de se trancar dentro do quarto. Mas não disse nada.

Ele sentou-se no sofá, e releu tudo que tinha escrito naquele dia: seis páginas. Nada prestava, e ele sabia disso. O sótão era mais frio, muito mais frio que seu quarto anterior - tendo sido construido há quatro séculos atrás, o hotel provavelmente não tinha passado por nenhuma reforma . Mas ele lembrou-se de Rodrigo queimando suas poesias para esquentar Mim , "La Bhoeme", e achou o xxxx local bastante apropriado para um escritor. Só faltava agora o livro,

Chris tentara suicidio há dois anos atrás, por algum motivo que agora ~~não conseguia sequer se lembrar~~ ninguém dos dois pode lembrar. Ele descobriu o bilhete de despedida em cima de sua cama:"Deixar de viver é a mesma coisa que mudar de emprego;a gente não sabe se o próximo pode ser melhor ou pior, e é bem provável até que fique desempregada - não haja vida além da vida. Mas vale à pena tentar. Diga a mamãe e ao papai que não foi por causa deles."

"Se não foi por causa deles, todo mundo vai achar que foi por minha causa", ~~xxxxxxxxxx~~ ma s não dava para ficar especulando sobre isso. Levantou Chris, e enfiou um dedo na sua garganta. ~~Ela tinha misturado~~ grande parte do alcool e dos barbitúricos saíram numa golfada de vomito. ~~, e isto podia ser perigoso. Mas conseguiu provocar o vômito.~~

Chris abriu os olhos, ~~que estavam~~ empapados de sangue. Ele nunca tinha ouvido falar neste sintoma. Os Olhos da Morte. Era hora de chamar a mãe dela e correr para o hospital. Por alguns segundos sentiu ~~se com~~ um poder que nunca experimentara ~~tivera~~ antes: o poder da vida ou da morte de Chris. Um poder que só Deus tem. Afinal de contas, ainda havia bastante barbitúrico na corrente sanguínea, ~~xxx~~ o suficiente para que Chris fosse descobrir o que existe no próximo emprego. Mas logo tirou este pensamento da cabeça - sabia que não era forte ~~o suficiente~~ para viver com a culpa da morte de alguém.

No hospital, o medico que os atendeu ~~era amigo de um conhecido, e~~ fingiu que tinha sido um acidente, que ela tinha tomado a overdose por acaso. Ca so contrário, teriam que ~~reportar~~ comunicar à polícia o acontecido. Colocaram soro, levaram para o CTI, e no dia seguinte ela estava boa de novox - apenas um pouco sonolenta.

Engracado é que Joey, apesar de ter perdido grande parte do cérebro, não tivera qualquer outra complicacão além da cegueira. "Quem gosta muito da vida, morre cedo; que odeia, termina vivendo muito e escapando de coisas que normalmente outras pessoas sucumbem" ela dissera.

Joey tinha razão. Chris, por exemplo, era uma pessoa que detestava viver, que não tinha nenhum medo da morte, e que por causa disto já havia escapado de várias s tuacões perigosas. MChris também havia tentado suicídio, mas através de pípulas, e não se lembrava de nada.

Mas era uma conversa interessante. Ele resolveu perguntar outra vez.

"Qual foi a exata sensacão se tomar pílulas para morrer?"

Mas novamente ele não falou nada de interessante, e ele resolveu conti uar imerso nos seus pensamentos. Sabia que se não escrevesse o livro ia terminar ficando louco, ia terminar se destruindo, e queria evitar por todo custo chegar a este ponto. Sabia que lhe restavaopca forca de vontade, e que em breve terminaria desistindo de vez. E isto ia significar o fracasso ao qual Chris se referira algumas horas atrás. E ele não queria saber"ao vivo" a sensacão de ter uma bala caminhando dentro do cerebro, comendo os miolos, retirando o lho da órbita e queimando os babelos ao redor. Também não queria descobrir por si mesmo a sensacão que existe atrás de 40 comprimidos para dormir.

maior do que as que vinha se permitindo até então.
Enquanto esperavam a comida ele se levantou e foi até uma máquina caca-niqueis que ficava no canto do restaurante. e colocou uma consideraval soma de moedas para jogar. Chris olhou aquilo espantada. Normalmente ele com suas teorias a respeito do artista do século XX , era uma pessoa muito segura com dinheiro. Ele , entretanto, sabia o que estava fazendo. Sem deixar de lado sues conceitos sobre arte, estava tentando abrir um pouco suas defesas, perder um pouco o controle, deixar que determinadas forcas ocultas - mesmo que fossem forcas perigosamente destrutivas - tomassem conta dele.

Joey,
Dois dias atrás, uma conhecida sua,tinha voltado do hospital, depois de passar tres meses no Centro de Tratamento Intensivo com uma bala no crânio. Tinha perdido um olho, mas não conseguira dar cabo de sua própria vida. Ele perguntara a Joey qual era a exata sensacão da bala entrando na cabeca. Joey tinha ficado chocada com a pergunta, mas depois havia se lembrado que ele era um escritor, e que talvez seu gesto pudesse ficar imortalizado num romance.
"Não doi" ela disse. "Eu tinha duas armas, mas eu usei a 7.65 porque eu podia segura-la apenas com uma mão. Quando a bala entrou, eu vi uma espécie de bola de luz na minha frente, um clarão, e senti meu coracão batendo forte. Em fracões de segundo, ~~eu senti~~ o ritmo do coracäó diminuindo, e desmaiei, mas antes de perder a consciencia eu sabia que tinha falhado, que iria sobreviver."

Pouco lhe adiantava conhecer as respostas daquelas perguntas. O problema era exclusivamente seu, e as dificuldades encontradas por outras pessoas não iriam de maneira nenhuma ajudar-lhe a superar as suas próprias.

Na verdade jamais tivera uma ideia boa o suficiente para que justificasse um grande trabalho em cima de um romance. Quando leu "A Mulher do Tenente Frances", ficou triste porque John Fowles esgotara brilhantemente um caminho. Quando leu "Trópico do Cancer", ficou triste porque Henry Miller esgotara outro caminho. Quando leu grande parte de "ulisses", ficou triste porque James Joyce esgotara mais um caminho. E assim ele se viu de repente sem saber que rumo tomar.

Não o que tivesse pensando antes de Fowles, de Miller ou de Joyce, nas possibilidades a serem exploradas. Mas cada vez que abria um romance, ou um ensaio, ou um estudo escrito de maneira pouco convencional, sempre pensava "Meu Deus, como é que um não tive essa idéia antes?" E desta maneira, sempre terminava achando que outros tinham lhe roubado aquilo que nunca tinha lhe pertendido.

Mas era uma pessoa prática. Lembrou-se de um conto de Jorge Luis Borges, quando um frances, Pierre Menard, resolve escrever "D. Quixote", sem nunca ter lido a obra de Cervantes. Lembrou-se que Pierre Menard, para escrever o livro, cogita ir lutar contra os mouros, ser ferido e ser deixado numa masmorra.

"Talvez seja isto o que esteja me faltando" pensou. Deixar um pouco de lado a parte prática da vida, e se permitir uma loucura

"Escrever um livro não é uma coisa tão dificil assim" ele disse enquanto escolhiam o que pedir."Qualquer velha solteirona consegue colocar suas memórias no papel. Qualquer general de pijama escreve tratados intermináveis sobre guerras que não aconteceram ~~[illegible]~~ (e quando ele falou em guerra, ele pensou com excitacão que naquele momento em algum lugar do oceano atlântico, dois tercos da armada inglesa se dirigia para as ilhas Falkland, e que os argentinos estavam construindo trincheiras e postos de combate). Qualquer poetinha está dando uma noite de autógrafos. O que fazx as coisas serem tão dif´ceis comigo?

Mas, mesmo antes que Chris dissesse alguma coisa, ele já sabia a resposta. Ele sabia, por exemplo, que não escreveria um livro que fosse igual a todos os outros. Suas memorias, sua vida partiular podia ser muito movimentadax, mas não tinha paciencia para colocar no papel aquilo que já tinha sido vivido e experimentado. Também não conseguia ir muito além num livro de ficcäO: as necessidades de descrever cenários, de construir personagens absolutamente coerentes, tudo isto fazia com que se sentisse fatigado depois da terceira página.

Escrever um livro. Será que um arquiteto se defronta com as mesmas barreiras e as mesmas angústias de um escritor,quando lhe pedem para planejar um novo prédio? E um pintor diante de um quadro? E uma costureira antes de criar um novo vestido?

Ele ficou longo tempo em silencio, esperando que Chris falasse mais alguma coisa; mas so ouviu o barulho das gaivotas e dos poucos ~~xxxrx~~ carros que consumam esta r nas ruas na hora do jantar.

Então ele sugeriu que desistissem do Clube Kosmos, e resolveram caminhar até o restaurante mais próximo. Enquanto andavam, ele ~~pxxxxxxxxx~~ pensou sem parar na sabedoria das palavras de Chris, e achou impossível que ela própria tivesse elaborado toda aquela teoria a respeito de fracasso e derrota.

~~"Chris ~~[illegible]~~ inteligente para ter inventado tudo isso, "Das duas, uma", disse para si mesmo. "Ou ela arranjou um amante, ou ela está mediunizando" roubou um espírito (virou médium) ou arranjou~~

"Ou arranjou um amante inteligente, ou virou médium."

E suas alegrias, por maiores que sejam, jamaisserão completas. Jamais serão iguais à simples alegria de escrever uma página - se voce é um escritor - øuzpìnžuxuwzquudrøxsxsezxøeexéxuwzpìnžuxz ou resolver um problema - se voce é um matemático, ou plantar uma árvore - se voce é jardineiro. "

"As pessoas nascem para os mais estranhos ofícios" disse ~~a Voz do Espírito através de~~ Chris. " Tem gente, por exemplo, qe nasceu para ser motorista de onibus, e para estas pessoas não existe maior alegria que ver um sinal verde a sua frente. Hãøxéxøxsxuuzxvxrxexhøzuxøxzxz A vida de um motorista está cheia de sinais vermelhos, de pneus furados, de pouco dinheiro para gasolina, de carrosx atolados na lama. Hasxexsxzxøxtxuuxzdxrzgxuxøxzxøx Mas para quem nasceup para dirigir, só conta o sinal verde e a estrada desimpedida pela frente."

" Fracasso e derrota são duas coisas diferentes. Amanhã sente na maquina e tente escrever de novo. Existem pessoas que lutaram até o final de suas vidas, que foram derrotadas até o últi o suspiro, mas que não fracassaram. Jesus Cristo, Van Gogh, Galileu são poucos exemplos do que est u falando. Mas os grandes fracassados estão fora da Historia. Estão neste momento trancados em vários quartos do mundo blasfemando contra as pessoas e semeando pestilencia. Asos fracassados só é reservada uma glória: blasfemar contra o sucesso dos outros."

Ele parou numa das pontes do canal. e comecou a prestar atencão em Chris. ~~Sabia que o Espírito tinha voltado, que ela estava falando a Voz do Espírito.~~ da cabeca falando coisas que ele queria, que ele precisava ouvir, E isto era um bom sinal. Seira um sinal melhor se ele visse uma mariposa por perto, e a mariposa apareceu . Circulou um pouco num dos lampiës da rua - a noite tinha caido afinal - e ele ficou alegre. Mesmo que não conseguisse escrever o livro naquele mes, a mariposa tinha voltado , depois dé muitos anos de aus!encia.

Os dois pararam e ficaram olhando um pouco a mariposa, até que ela se confundisse novamente com a luz . Depois disso, Chris continou a falar a Voz do Espíritox enquanto ele, esquecido de todas as preocupacês inuteis, se maravilhava novamente com o mila gre.

"O fracasso é imbatível porque ele =e sempre uma escolha pessoal. Nunca nos é imposto. Voce pode sentar durante meses, anos a fio, diante de sua cadeira e de sua máquina de escrever, e não conseguir escrever um livro. Voce será derrotado todos os dias, mas um dia, cedo ou ta rde, voce vai vencer e vai escrever algo, mesmo que não seja bom. Neste dia, voce teve uma vitória que anulou todas as suas derrotas daquele assunto."

"Mas, ao invés dex persistir, voce pode desistir de escrever. E nem por causa disto voce vai deixar de viver, de ganhar seu dinhéiro, de se tornalr alguma coisa. Mas voce vai ser sempre um homem fracassado, até o final dos teus dias. Nunca vai ter uma alegria igual

Ele conhecia brilhantes executivos que tinham se transformado em pessoas medíocres, porque foram despedidos de emprego por causa de novas idéias;nunca mais ousaram pisar fora da linha. Ele conhecia uma dúzia de artistas talentosos cuja qualidade tinha decaido sensivelmente depois que viram seus livros ou quadros encalhados.

"O fracasso não ensina nada. Vamos para o Clube", murmurou para Chris e comecou a andar mais rápido.

"Não confunda fracasso com derrota", ela respondeu. " Perder uma batalha não signifca perder a guerra, e voce está muito angustiado com isto. Os manuscritos rejeitados e as noites vazias fazem parte do jogo - e me parece que voce não quer escrever um livro porque tem medo do fracasso. Mas se seu livro não conseguir chegar as livrarias, não quer dizer que isto seja um fracasso. Isto é uma derrota."

Derrita, segundo Chris, era perder o bonde. Fracasso era perder a esperanca.

"Existe sempre um segundo bonde, mesmo que voce tenha que esperar a noite inteira; mas não existe um segundo sonho, depois que voce desistiu do seu. Ninguém pode desistir do seu sonho. Quando uma pessoa desiste de seus grandes objetivos e aceita como recompensa final aquilo que era considerado apenas um objetivo no meio do caminho, esta pessoa fracassou na vida. E o que é pior, esta pessoa não sabe que fracassou , porque o fracasso é raramente noticiado."

aprofundarem-se em diversos assuntos. M[illegible] E mesmo assim não conseguem fazer nada além de tocar violão na rua ou vender algumas pecas de artezanato. "Pedem esmolas", ele pensou com desprezo e ódio. "Quem vai ao Afgnistão com os russos lá , e consegue voltar, é capaz de conquistar a direcão da IBM".

Ela fala a cerveja sobre os olhos, mas penso em si [illegible] Chris, [illegible]

"Talvez eles não estejam interessados", responde Chris, alegre por ele ter falado alguma coisa. Ela já estava co mecando a ficar nervosa com o silenciox.

"Não é possível. Não é possível que eles não gostem de dinheiroX. Nä0 acredito na sinceride de quem mx afirma que dinheiro não é bom".

" [illegible] Voce precisa tirar um pouco da cabeca esta idéia de que todo mundo é igual a voce".

Ma s ele sabe que o fracasso não ensina, O sofrimento, a miséria e a dor jamais acrescentaram alguma coisa ao ser humano - apesar de as religioes dizerem ao contrário. Ele sabe por experiencia propria, [illegible] vivida rápida mas intensamente numa prisão de seu país, que a dor e o sofrimento só ensinam a covardia. A maior parte das pessoas que fracassam - e ele ameaca estar fracassando no seu livro - termina perdendo qualquer sabor de viver, qualquer ousadia pela vida.

→ AS PRIMEIRAS INFORMACÕES SÃO TERRÍVEIS!
(Vide verso)

Completar

Os dois caminharam em silencio . Ele lembrou-se dos pri eiros dias na cidade, há duas semanas atrás, quando passava o ~~dixx~~ tempo todo na rua em busca de alguém para conversar. Nesta época, fizera com Chris um pacto de ~~xxxxxxxxxxxx~~ se comportarem como irmãos, na esperanca de uma enturmacão mais fácil. Dempos antes lera na Bíblia que Abraão tinha feito o mesmo com Sara, e isto tirara de sua cabeca qualquer complexo de culpa.
Mais um barco de turistas passou pelo canal, desta vez com velas acesas nas mesas, e pessoas jantando. Ele comecou a fazer uma serie de caretas e algu s dos turistas pensaram :"lá está mais um holandes, cheio de heroinaX, e procurando briga".

Mas ele não é holandes não tomou heroina, e não está procurando briga. Procura apenas desgastar um pouco da energia exigida e não utilizada na confeccao de um livro. Sente mais uma vez a mesma frustracao que sentiu centenas, m lhares de vezes, quando prometeu a si mesmo sentar-se numa maquina e escrever, e não sr sentou numa maquina, e näó escreveu. Olha as pessoas em volta, olha as pessoas que pertencem à sua geracao mas que estão nas ruas ao inves de estarem trancadas dentro de casa. A maior parte delas já correu o mu do todo, já experimentou todo tipo de droga, já viveu entre reis,e tem uma experiencia que poucos serem humanos possuem. Conseguiram sobreviver em locais onde poucos tiveram coragem de colocar os pés. Conseguiram ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ dar a volta ao mu do gastando menos que um jantar no Ritz. Conseguiram aprender todo tipo de oficio, falar uma séire de linguas,

Le Beaubourg voisine à cidade em que vivo,
sem pouca dificuldade em achar o caminho
As casas inclinadas: pensaram que fosse sobre uma
ruina de prospekt pc da Avenida

A economia dos "pobricios"
Os 3 janelas - sempre partida

Salas da parte onde o I século conservou: construida em 1696.
Descem escadas.

O sol, persistente, ainda não tinha descido no horizonte quando ele abriu os olhos e pensou numa frase de um humorista de seu país:"para ser um best-seller não é preciso escrever bem; basta ser adotado nos colégios". E , olhando o sol, rasgou tudo que escrevera naquelas poucas horas de trabalho. Não se deu ao trabalho de reler nenhuma folha;sabia que nada prestava. Resolveu portanto sair um pouco e dar uma volta com Chris. ~~Estavam hospedados no Brouwer Hotel que, como Chris pensara uma página atrás, era o mais antigo hotel de Amsterdam. Não apenas antigo, mas velho. Seu atual dono, filho do filho do homem que resolvera receber hospedes, ligava pouco para o dinheiro e para o que fazia.~~

O sol tinha começado a se por quando ele saiu. Era a primeira vez que via amsterdam brilhando com a chuva, e sentiu que tinha que se acostumar com a idéia de chegar em casa molhado. Mesmo assim, e mesmo sem conseguir escrever seu livro, valia a pena ficar mais um pouco na cidade. Se não podia gravar as pessoas e as coisas à sua volta, pelo menos conseguiria viver uma vida diferende da que estava levando há muitos anos.

O dono do hotel, Mr. Brouwer, perguntou se eles iam ficar estavam com a chave da frente, porque daqui a pouco a porta do hotel seria fechada. Ele disse que sim, sorriu para Mr. Brouwer, e pisou no entardecer do canal que corria em frente ao hotel.

fissão, e muito moco para viver das poucas glorias passadas - que tinha conseguido no terreno do jornalismo e no terreno da música. "Too old for rock'n roll and too young to die", pensou, lembrando o brilhante titulo de um dos LPs dos Stones. O cigarro que estva fumando acabou, e ele se virou para o lado e tentou dormir. Lá fora, as nuvens tinham se afasta do e o sol brilhava intensamente. Ele pensou de novo nos editores, nas livrarias abarrotadas de best-sellers, na impossiblidade que tinha de escrever numa lingua universal, como o ingles. Oz~~pesxøxdxxxxrzsexdxcixdz~~ O peso da responsabilidade de tudo isto fez com que caisse logo no sono, e esquecesse que tinha prometido a si mesmo escrever até o por-do-sol.

Chris, que não fumava, abriu as janelas assim que ele dormiu. "é preciso renovar um pouco o ar deste quarto", pensou ela. Tinha acabado dé fazer trinta anos, e era uma mulher baixa, mas bonita. Tinha orgulho de ter se casado com um escritor, mesmo que este escritor jamais tivesse escrito um livro. Sem ser medíocre, acreditava que não havia nada mais romantico que descer e subir aquelas escadas com bandejas de café, enquanto seu homem dedilhava numa maquina de escrever, num sótão de Europa, com o teto em forma de telhado, com um lindo canal na sua frente onde passavam barcos turisticos. Estavam no Brouwer, o mais antigo hotel de Amsterdam, quase tão antigo quanto o ~~sxuxpróprioxpaízxzxzx~~ pais de onde tinham vindo. Ela arrumou o quarto e nquanto ele dormia, parando de vez em quando para olhar o sol que entrava pela janelax aberta. Depois, como não sobrasse nada para fazer, resolveu também dormir um pouco.

O artista do século XX era aquela pessoa que tinha plena consciencia de que a arte não é nem mais nobre nem mais pobre que qualquer outro tipo de trabalho. Portanto, o artista do século XX acorda cedo, trabalha disciplinadamente durante oito horas por dia, sabe negociar com dinheiro, não se envergonha de cobrar pelos seus servicos nem de abrir determinadas concessões para que seu trabalho xxx xxxx seja bem sucedido, ou seja, atinja o máximo de pessoas possivel. O século XIX já tinha acabado. Os tuberculosos que eram reconhecidos depois da morte já não encontravam mais lugar entre os vivos. Todos os seus amigos que tinham xxxxxx blasfemado contra o dinheiro e tentado permanecer "puros" na arte, estavam hoje sentado atrás de mesas de escritorio, fazendo outra coisa e escrevendo no fim-de-semana. Ele pelo menos, tinha conseguido evitar isso. Durante todos estes anos sobrevivera apenas através daquilo que escrevia - fosse uma reportagem para um jornal, fosse uma letra de música fosse um texto de um xxxxxxxx anuncio. Mas de uma maneira ou de outra, conseguira tirar o pão nosso de cada dia com o verbo e o substantivo. Sem fazer outra s coisas paralelas "apenas para ganhar dinheiro e sustentar a arte" porque xxxxxxxxxxx sabia que desta maneira não chegaria a parte alguma. A arte, em si mesma, xxxxxxxxxxxxxxxxx so sobreviveria se se tornasse tamb=em o ganh-pão. E neste ponto, pelo menos, ele tinha sido bem-sucedido. A =úncia coisa que não tinha conseguido fazer até agora era escrever um livro. E ele precisava escrever este livro, porque já estava com 34 anos. Porque não podia, daqui por diante, enganar mais a si mesmo. Estva muito velho para xxx mudar de pro-

Pensando no que poderia ter acontecido mas não aconteceu ele terminou seu sanduiche e resolveu cochilar um pouco. Estava se sentindo mortalmente cansa do, apesar de serem apenas cinco horas da tarde, tres horas depois de ele ter se sentado na máquina para escrever. Acendeu um cigarro e comecou a sofrer da mesma angústia de sempre:"eu devia estar sentado na máquina". Mas pensar naquilo, sem fazer o que devia, não ajudava muito. Então ele resolveu tentar dormir um pouco. Escrever era algo muito ingrato. Para que escrever? Porque escrever era mais nobre que trabalhar no comercio ou dar aulas, ou cavar fossas? Escrever era uma coisa como outra qualquer e porque, Jesus, ele tinha escolhido para si mesmo alg que dava tanto trabalho? Construir cenas, imaginar roteiros, desenhar personagens, dactilografar, corrigir, procurar editor, fazer a necessária badalacão mas...isto já era cheg r muito longe. Arranjar um editor era o principal, e ele não estava acostumado a fazer coisas sem um objetivo imediato. Durante toda a sua vida procurara ter a consciencia daquilo que chamava "o artista do seculo XX." ~~O homem que, dotado de talento para comunicacão, levava sua mensagem ao máximo de pessoas possivel. Alguém que tivesse coragem de dizer que dinheiro era importante, e que tivesse um horário de trabalho semelhante às pessoas que trabalham em escritório. Sómente assim um artista podia ter rea l importancia na decada em quevivia. Os romanticos tuberculosos tinham morrido todos no final do século XIX. Os irrepreensíveis, os inatingíveis tinham sido sufocados em suas próprias tores de cristal. Todos os seus~~

Pensando no que poderia ter acontecido mas não aconteceu ele terminou seu sanduiche e resolveu cochilar um pouco. Estava se sentindo mortalmente cansa do, apesar de serem apenas cinco horas da tarde, tres horas depois de ele ter se sentado na máquina para escrever. Acendeu um cigarro e comecou a sofrer da mesma angústia de sempre:"eu devia estar sentado na máquina". Mas pensar naquilo, sem fazer o que devia, não ajudava muito. Então ele resolveu tentar dormir um pouco. Escrever era algo muito ingrato. Para que escrever? Porque escrever era mais nobre que trabalhar no comercio ou dar aulas, ou cavar fossas? Escrever era uma coisa como outra qualquer e porque, Jesus, ele tinha escolhido para si mesmo alg que dava tanto trabalho? Construir cenas, imaginar roteiros, desenhar personagens, dactilografar, corrigir, procurar editor, fazer a necessária badalacão mas...isto já era cheg r muito longe. Arranjar um editor era o principal, e ele não estava acostumado a fazer coisas sem um objetivo imediato. Durante toda a sua vida procurara ter a consciencia daquilo que chamava "o artista do seculo XX." ~~O homem que, dotado de talento para comunicacão, levava sua mensagem ao máximo de pessoas possivel. Alguém que tivesse coragem de dizer que dinheiro era importante, e que tivesse um horário de trabalho semelhante às pessoas que trabalham em escritório. Sómente assim um artista podia ter rea l importancia na decada em quevivia. Os romanticos tuberculosos tinham morrido todos no final do século XIX. Os irrepreensíveis, os inatingíveis tinham sido sufocados em suas próprias tores de cristal. TODOS OS~~ de seus

tinha conseguido ler uma historia desta tinha sido no "Shogun" de James Clavell. Uma japonesa e um ~~xxx~~ ingles tentando se relacionar era algo interessante. Não pelo amor em si, mas pelas diversas dificuldades culturais que envolviam o relacionamento. Neste dia ele lera avidamente uma historia de amor. Mas fora disso, não podia imaginar como alguém pudesse gostar de ler algo que só tinha sentido viver.

entrrentanto ele sabia que a arte era feita de emocoes não vividas. Asp pessoas compravam livros, viam televisä, pagavam o ingresso do cinema porque elas queriam experimentar sensacões que jamais estariam ao seu alcance por meios comuns. Ele saiba que ~~xxxxxx~~ neste momento, por toda a face do planeta, milhares de mulheres solteiras ou frustradas estavam debrucadas sobre livros piegas que narravam historias de amores nobres e não corespondidos. Ele sabia que ~~xxxxxx~~ empregados de esfritorio ficavam até altas horas da noite lendo livros sobre o poder e a glória. Ele mesmo costumava comprar qualquer livro em que narrasse~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ as aventuras de um escritor escrevendo livros. Era seu assu to predileto. Henry Miller, por exemplo, tinha nutrido seus anos de juventude com a saga e o heroismo de quem está talhado para fa zer uma coisa mas não consegue. Tinha adorado Henry Miller durante muitos anos, e depois o tinha odiado porque ele tinha esgotado um precioso filão: escrever ~~xxxxxxxxxxxxxxx~~ vários livros sobre qualquer coisa ou nada. "Se Henry Miller não tivesse existido", costumava pensar, "eu teria ocupado seu lugar".

"Porque voce nŽo escreve um romance, uma história de amor?""disse ela, mastigando o seu sanduiche e reclamando das milhares de vezes que fo a obrigada a subir e descer aquelas escadas naquele dia, porque ele resolvera fica r no quarto escrevendo. "Não adianta ficar escrevendo cartas e anotando sentimentos. É impossivel ter uma idéia original hoje em dia".

Sim, realmente era impossível ser Einstein. Ele lembrou-se que seus diários sempre anotava na primeira página de seus diários:"Nada de Novo debaixo do Sol". Sabia que suas angústias e seus sonhos, e a forma de como lidava e diriga a própria vida, já tinham sido experimentadas milhares de vezes antes por outras pessoas. Muitas vezes pro urara saber como estas pessoas se s entiam, como tinham conquistado isso ou aquilo, ou se tinham transformado em grandes fracassos. Mas a maior parte das pessoas não falava destes assuntos. E ele termina va sem saber como ia acabar a própria história de sua vida, mesmo tendo certeza de que ela já havia sido contada m lhares de vezes antes.

"Não. Acho história de amor muito chato". Ele ainda estava pensando na guerra a ser lutada entre Argentina e Inglaterra. Ele ainda estava com a excitacao de um grande turnover, de um acotecimento que poderia esquentar por semanas a fio a face do planeta e o continente de onde tinha vindo. Histórias de amor sempre lhe davam a sensacao de perda de tempo. Quando cruzava com uma no meio de um livro, costumava pular as páginas. Nos filmes, a parte mais chata era ver o eterno jogo de gato-e-rato entre um homem e uma mulher . A unica vez que

Nenhum país sai perdendo de uma guerra. Ele tinha cabado de voltar da A lemanha e visto como o pais estava grande. poderoso, depois de ter sido literalmente arrazado durante z segunda guerra mundial. E ele se lembrava de seu pa is, que jamais tinha lutado uma guerra sequer, e que por causa disto estava pobre, distante, sem estacoes e sem iniciativa. Agora a Argentina, que também não lutara nenhuma guerra nestes seus ulti os cem anos, se preparava para acao. E talvez nenhum dos dois desistissel E talvez.xxxxxxxxxxxxxxx com um pouco de sorte as duas semanss se passassem sem nenhum solucao, e o mu do pudesse assistir de novo uma boa guerra, no velho estilo. Nao as esca ramucas e a guerra de guerrilhas, sem frontxxxxxx. Não as perdidas é interminaveis guerras na Asia, onde raramente se sabe qual é a capital dos paises beligera ntes. Aquelas coisas estavam longe demais para dar alguma excitacao. Mas uma guerra no West,

um poderoso e letal enfremtamento de duas armadas. Sim, aguerra tinha que acontecer, para alegria geram daqueles que lutavam, e pa ra interesse geral daqueles que assistiam.

O sa nduiche acabou e Chris, sua mulher, perguntou-lhe o que estava escrevendo desde de manhã. "Nada", respondeu. Era muito supersticioso para falar de projetos inacabados. E na verdade não estava mes o escrevendo nada de importante - apenas algumas ideias que tinham gestado durante aqueles quatro meses de viagem, mas que nenhuma delas era igual a de Eisstein.

sonho e a maior esperanca do homem.
Ele comeu o sanduiche pensando que a guerra era a maior esperanca e o maior sonho do homem. Por todos os paises onde tinha andado em busca de um luga r certo para escrever seu livro, ele encontrava monumentos proclamando a gloria da guerra. Charles P=eguy tinha escrito que, ao deflagrar da guerra de 14, as multidões nas ruas tinham lhe dado a maior frenezi de sua vida. O homem era feito para lutar e matar seus semelhantes, assim como o animal é feito para outros propositos. Nada de comparar o animal com o homem, e dizer, em tom de critica "que o animal não mata seu semelhante." O animal =é um animal,e o homem é outra coisa. Agora ele olhava as multidoes inglesas no porto, vendo a armada partir em direcao a argentina, em defesa de uma ilha sem qualquer valor. E ele sa bia que se eles não lutassem, se resolvessem as coisas por meios diplomáticos, uma grande frustracao se abateria sobre toda a humanidade. Uma guerra deste calibre era muito mais emocionante que a Copa do Mundo, a ser jogada dentro de alguns meses.
Os navios ingleses iam demorar ainda duas semanas para atingirem o local do conflito. Duas semanas onde o mundo iria estar desagradavelmente pendendo entre as muitas alternativas de paz. Mas se tudo corresse bem, ai sim, ai ia haver uma guerra. Homens morreriam. Foguetes seriam disparados . Honras seriam lavadas. Novos filmes e livros comeca riam a serem escritos sobre o assunto - afinal de contas a segunda guerra mundial e a guerra do vietnam já tinham esgotado todas as suas possibilidades de media. Fatos heroicos serviriam de exemplo a novas geracões de argentinos e de ingleses.

Ele tinha se levantado da cama . fumado seu pri eiro e ritualistico cigarro, e ido até a janela. Lá fora ele viu que a data marcada pa ra a primavera estava realmente confirmando as expectativas de todos ; a s á rvores pareciam ter ouvido a frase, e comecavam a soltar brotos por todos os poros. Da esquina, vi ha uma ciclista com o casaco displicentemente jogado sbre os ombros. E um vendedor de flores passou ao largo, carregando suas tulipas.
"It's springa ggain!" ele pensou, e pensou que algum dia iria escrever sobre isto. Não carregava um caderno de anotacões desde ~~quexlerazexaxlgumxlugarxque~~ que ouvira falar de um episodio acontecido em seu pais. O cientista Albert Eistein estava visitando sua cidade, e um intelectual ~~tinha~~ o acompanhara na visita de um dos monumentos. A determinada altura, o intelectual tirou do bolso um caderninho. ~~para que era aquilo~~. Supreso Einstein perguntou para que era aquilo, e o intelectual respondeu que estava anotando uma idéia que acabara de ter, e perguntou por sua vez a Einstein se não costumava carregar um caderninho para anortar suas ideias. Einsein disse que nõ:"Afinal de contas, eu só tive uma idéia na minha vida."
Por causa disso ele também não carregava o caderninho. Queria ter apenas uma ideia mas uma ideia que mudasse o mundo como Eistein tinha mudado.

A chuva continuava a cair e ele parou um pouco de escrever a máquina. Tinha sentado a alguns poucos minutos, depois de acompanhar com avidez a evolucao da armada britanica em direcao ao atlantico sul, onde se espera va uma batalha contra as forcas argentinas. Estava animado com esta ideia - uma guerra como nos bons tempos. Fazia tempo quem não disfacava mais para si mesmo o seu espirito belicoso. Sabia q e a guerra era o maior

Tirou o relogio e escondeu num canto do pequeno quarto no sótão. Esta decidido a escrever até que a luz do dia desmaiasse e, mesmo comecando as tres horas da tarde, estavam no horário de veräO e no hemisfério norte. Algo tinha que correr certo, porque a luz do dia só ia desmaiar as oito horas da noite, cinco horas pela frente.

Sua mulher tinha acabado de subir com um café, e daqui a pouco estaria de volta com alguns sanduiches para o almoco. Lá fora cocecou a chover, e ele pensou que sua mulher estava muito itimista, pois saira sem capa. Estava acreditando numa primavera que comecara a alguns dias atrás, mas abril era um mes traicoeiro, todas terras tinham ditados para contar como abril era um mes traicoeiro.

Ele lembrou-se do dia em que a primavera abrira seus bracos sobre Amsterdam. Foi num domingo, e ele tinha ~~acordado~~ deitado tarde na noite anterior. Qua ndo o dia ja ia alto, ele acordou com uma voz alegre na rua dizendo "It's spring again!" Ele sorriu e pensou como era poetico ter quatro estacoes no ano. Na sua terra existia apenas um eterno verão. Talvez por ca usa disso é que as pessoas parassem onde estavam, porque não viam o ano passar, não viam a neve de iverno, as folhas secas de outono, e as flores da primavera.

Para ele, a frase "It's spring again" era um poetico despertar de uma manha de domingo. Mas para as milhês de pessoas que habitavam o velho continente, aquela frase era mais que simples poesia - era a esperanca. A esperanca de um novo tempo, de um tempo onde o ca lor substituiu o frio, onde as coresx substituem o cinza e negro.

Porcentagem:

AQUI ENTRA A CENA DO AMOR.
(porcentagem: uns versos)

Hoje:

Dezenove anos depois da queima das poesias, ele estava num quarto de hotel, muitos milhares de quilometros distante de sua terra natal, ~~esperando que lhe dessesse alguma inspiração~~ olhando para a maquina de escrever. Naquele dia ele tinha se trancado no quarto e dito para sua mulher que não ia pisar na rua de jeito nenhum. Que, de uma maneira ou de outra, iria se sentar e comecar a bater a máquina. Seis, sete, oito horas seguidas, numa tentativa desesperada de chegar a algum lugar, de escrever alguma coisa. Acordou de manhã cheio de vontade. Pegou e tomou o café q e sua mulher tinha lutado para trazer quatro andares acima, pela escada. Depois resolveu ler o jornal, e ficou lendo o jornal durante duas horas. Depois resolveu ler um trecho do livro que tinha lhe dado a idéia de ficar trancado no quarto o dia inteiro - e leu o livro mais duas horas. Quando olhou o relógio já eram 2.30 pm e ele não tinha escrito uma linha sequer. Resolveu então, na falta de algo mais para ler, reler o que tinha escrito - comecado a escrever na noite anterior. Era uma especie de autobiografia capenga - "o unico assunto que tenho par a falar no momento" e viu que as linhas eram de má qualidade, que as coisas não combinavam, e que era difícil continuar por aquele cam nho.

Portânto jogou fora o que tinha escrito na noite anterior, e tentou recomecar de novo. Depois de algumas páginas escrever. Faltava vida. Ao mesmo tempo tinha muito medo de escrever sobre si mesmo - era o melhor assunto que tinha, e, caso este assunto se esgotasse, podia ser que terminasse nunca encontrando outro.

O resumo aqui é o climax

1) Capacidade do hotel: 20 pessoas
2) Ocupação do hotel: 16 "
3) Média de estada das pessoas: 2 dias
4) Turistas por ano: 16 milhões
5) " dia: 4.000 ± 8 pessoas locais do qual 20 Brasileiros.
6) percentagem do Brasil no turismo: 0,5%
   1 em Zaire — em Jamaica
   cada mil 40 mesmos em Amsterdam
7) Considera 50% de chance porque ou Sol Brasileiro

$$\frac{1}{52\ \text{semanas}} \times \frac{1}{4\ \text{hotéis}} \times 50\%$$

hotel: 1,5 anos = 1 brasileiro
1 cada 400 anos - 2 brasileiros

8) $\frac{40 \times 8}{2.000}$ BRAS — EST. UD BROWER

↑
1.º dia
turistas p/ país

Desde aquele dia só tinha feito poesia para conquistar mulheres. Decidido a sobreviver apenas da palavra escrita, arranjou um emprego num jornal. Tres meses depois resolveu largar o jornal, já que o trabalho não lhe dava tempo de escrever. Passou a fazer teatro, porque o teatro o ocupava de noite, e ele teria o dia inteiro livre. Durante seis anos ele fez teatro. Escreveu, dirigiu e produziu suas próprias pecas. Empregou os mais variados meios - desde gigolotagem até trafico de drogas - opara levantar o dinheiro necessário. Sómente depois de muito tempo foi que descobriu que estava lidando com um cadáver. O Teatro já tinha morrido hám muito tempo, e hoje só servia para satisfazer as pessoas que trabalhavam nele.

Voltou ao jornalismo. Terminou dirigindo uma revista - já que era uma pessoa bastante competente em tudo, exceto em escrever um livro. A revista terminou levando-o para o terreno musical, e ele terminou compondo algumas músicas de sucesso. Com o tempo, seus parceiros perderam a forca e ele perdeu o emprego numa gravadora. "Que bom, posso me dedicar agora exclusivamente a escrever meu livro", pensou animado.

Ele precisava escrever um livro. Estava com 34 anos de idade, as pessoas o consideravam um intelectual e ele considerava a si mesmo um escritor.

Ele precisava escrever um livro, ~~porque - afinal de contas - era~~ já que
um escritor ~~de corpo e alma~~. Estava com 34 anos de idade, ~~Tinha ganho um prêmio de redação~~
no colégio quando tinha dez anos de idade - ah, as pessoas d
ter mais responsabilidade quando dão premios de redação a cr
que ainda não tem a mente formada!

~~Porque daquele dia em diante ele~~ Decidira ser escritor. Contra o desejo de seu pai - que guardava com todo carinho um anel de engenheiro para o único filho homem - contra a decisão de seus professores - que viam nele um bom homem de negocios - e contra a decisäó dos editores. que raramente davam chance a autores novos. Contra a decisäO de seu povo - que adorava ver televisäo e era c mposto de 60½% de analfabetos. Contra a decisão das livrarias, que já não encontravam mais espaco para estocarem livros encalhados - hh, bons tempos de Dante, quando não havia quase concorrencia! . E contra si mesmo, já que se considerava preguicoso demais para sentar e escrever, sem ter a certeza de que algum dia seria publicado.

Mas tinha começado, como começam todos os escritores, escrevendo poesias.
Sua mente era ortodoxa e prática. Por causa disso, aos quinze anos de idade armou uma fogueira no quintal e queimou todas as poesias que tinha escrito até aquela época. Sabia de antemão que já não havia mais lugar no mundo para poesia. Sabia que os poetas tinham entrado numa autoviagem sem fim, e que já coisas mais modernas - como a música popular - tinham enterrado de vez o gosto das pessoas pela poesia pura e simples - exceto com honrosas e necessárias excesões para confirmarem a regra. Mas ele acreditava em prosa, em literatura. E tinha resolvido desde aquela época, dedicar-se exclusivamente a isto.

- O dono tem que saber o nome para te levar à cote, e você vai dá o nome.
A polícia vai pode entrar na casa sem permissão.
- Tentam achar na mail box o nome
vendem a casa.
- Existem planos de lei uma lei de entrar na casa sem visar, mas também da casa ser re-vistada se for caja + de um ano.

WIM BOEGEM

KRAAK (~~car~~)
KRAKEN (. velho)
KRAKER (a pessoa)

—

Os pubs que vão fechados.

. . . . . .

Ale: Kijkwinkel
Bdia: clássicos da Holanda
K. Bauer - tem que vender o hotel.

as bicicletas que compram tudo e que são velhas e usadas e pintadas pelas próprias pessoas.

Agachiw: as letras I, O, H, M, W, S ~~Z~~, Z

bd
P9